

ASSIGNATURAS	
ANNO	20\$000
SEMESTRE	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
RUA 1ª DE MARÇO, 23.

OFFICINAS
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Um collector do Estado do Rio, na fúsa de que a lei era igual para todos, lançou, ha tempos, para pagamento do imposto de industria e profissão, um reverendo vigario de uma parochia do interior.

Offendido na sua dignidade, nas suas prerogativas sacerdotaes e nos seus interesses profanos, o vigario appellou, como muita gente faz, em casos perdidos, para o bispo, que considerou aviltante para um ministro do altar o pagamento de impostos, como qualquer obscuro fiel, forçado pela Constituição ao cumprimento desse dever civico, que a ninguem deslustra.

Apezar das razões canonicas, que forravam o acto do ordinario da diocese, substancioso náco de sabedoria num *sandwich* de textos em latim, o padre refractario não se contentou com o abrigo das immunidades ecclesiasticas; accrescentou que não exercia uma profissão, nenhuma industria ou coisa que se lhe parecesse; não recebia pagamento pelos seus serviços, porque as espórtulas voluntarias, embóra marcadas numa tarifa inflexivel, deviam ser consideradas esmolas; e como quem vive de esmolas não póde ser contribuinte, deveria elle ser riscado do lançamento do collector.

Não sabemos como as auctoridades profanas resolveram esse caso de direito fiscal; não ha duvida que a razão está com o agente do fisco fluminense: o bispo e o vigario ficaram fóra da lei civil e arranharam a lei divina, porque aquella não abriu excepções e porque está compendiado nas Sagradas Escripturas, que Jesus Christo, que era Deus, não se isentou de pagar tributo.

No Evangelho de S. Matheus, capitulo VII § III. vers. 23, esse caso de direito tributario está previsto, sabiamente, com a empolgante lucidez divina das inspiradas palavras do Mestre.

Conta S. Matheus que, estando Jesus com os discipulos em Capharnaúm, appareceram os collectores do didráchma, e perguntaram ao chefe dos apostolos se o Mestre pagaria o tributo.

— Como não— respondeu Pedro, e, entrando em casa, foi-lhe ao encontro Jesus.

— Que te parece Simão?— inqueriu o divino Mestre.

— De quem recebem os reis da terra impostos e tributos? Dos seus filhos ou dos estrangeiros?

— Dos estrangeiros — respondeu Pedro.

— Os filhos são isentos; entretanto, — accrescentou Jesus — para evitar escandalo, váe ao mar, lança o anzol; toma o primeiro peixe que tirares d'agua, e abre-lhe a bôcca: encontrarás uma moéda de prata de quatro dráchmas, um stater, que darás ao collector por mim e por ti.

Ensinou, assim, o Divino Mestre que, sendo a lei igual para todos, nem Christo estava livre de pagar tributos; realçou o dever de dar exemplo aos seus semelhantes com actos de obediencia, não se recusando ao óbulo que o Estado exige dos seus concidadãos, para a manutenção das necessidades publicas, da ordem e da segurança collectivas, beneficios proficuos aos mais humildes como aos mais eminentes.

Se os padres, exercendo a sua função na sociedade, téem uma occupação transcendente de continuadores da missão de Jesus; se são pastores de almas, como as auctoridades civis, que são pastores de povos; se a elles, como a estes, como a todos os cidadãos aproveitam os beneficios do governo, é concludente que devem obedecer ao preceito legal, dando exemplo desse civismo consagrado no Evangelho.

Affirma Menochius, nos seus commentarios, que Pedro respondeu affirmativamente aos collectores do didráchma, devido aos romanos ou a

Herodes, por saber que Jesus estava habituado a pagar-o todos os annos. Donde se conclúe que o facto não foi accidental, senão um acto comesinho de um pontual pagador de impostos.

O ministro do altar, o vigario em questão deveria saber que lhe cumpre prégar as verdades eternas e os salutaes preceitos evangelicos mais com os actos do que com as palavras, porque estas vôm e os actos perduram, impressionam como lição intuitiva, a menos que o reverendissimo não seja um frei Thomaz desses que, para o deslustre da doutrina do Redemptor, abundam entre nós, prégando o bem que não fazem, ou recommendando aos fieis: fazei o que eu digo e não o que eu faço.

O venerando prelado e o seu vigario deveriam recordar ainda as palavras do Mestre, ensinando ser preferivel, á provocação de um escandalo, amarrar uma pedra ao pescoço e mergulhar no fundo do mar.

Assim, em vez de considerar aviltante o imposto de industria e profissão, deveria o inclyto prelado aconselhar ao padre refractario o prompto pagamento, reproduzindo o exemplo de Jesus, que pagou, tambem, por Pedro.

Seria isso mais decente, mais de accôrdo com o decôro sacerdotal do que ser incluído um padre na categoria infima dos mendigos, dos vagabundos, excluídos do lançamento por incapacidade, e lucraria mais evitar o escandalo de andar um sacerdote explorando ficticia miseria, exposto a vexames no percurso dos prolongados tramites administrativos, como qualquer contribuinte relapso ao dever civico do tributo, que Jesus pagou, habitualmente, como excellente cidadão que era, alliando a sua missão divina á sua função humana e mandando dar a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que era de Deus.

O reverendo seria capaz de retrucar que o Divino Mestre assim procedeu,

porque não lhe custava o *arame* mais que a ninharia de um milagre vulgar. Nestes tristes tempos bicudos, não se encontram mais moédas na barriga de peixes: é preciso, depois da evolução operada pelo peccado nos homens e nas coisas, caval-as com musculos mortaes, ganhal-as com o honrado suor do rosto nesse trabalho exaustivo de baptisar innocentes, de casar malandros e arrancar almas peccadoras do fogo do Purgatorio.

* * *

O reverendo vigario parece ter razão, fazendo como toda a gente recalitrante ao pagamento de impostos, ou empregando todos os meios para defraudar o fisco, demasiado exigente.

Além disso, o Evangelho váe sendo esquecido; parece uma lei brasileira, feita para não ser cumprida: em ambas, a chicana interesseira, gananciosa, váe carcomendo a solidez das palavras, deturpando a lucidez resplandecente do texto e abrindo grandes bréchas por onde se volatilisa o espirito de verdade e de justiça.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

O MEU PRIMEIRO COMMANDO

Depois da batalha de 24 de maio, o exercito alliado ficou inactivo. O general em chefe não aproveitou a grande victoria das nossas armas.

O exercito paraguayo, quasi aniquillado, pois perdêra, naquella dia, entre mortos, feridos, prisioneiros e extraviados, mais de dois terços do seu effectivo, se reorganisára graças á nossa desidia.

No dia 27 de maio, ouvimos da vanguarda, ao cair da tarde, signaes de grande alegria nas posições inimigas — musica, vivas repetidos, entusiasticos. O exercito derrotado recebia novos reforços e enchia os claros, abertos, nas suas fileiras, pelas armas alliadas. Levaram o entusiasmo ao ponto de saírem dos seus entrenchamentos e tirotearem com as nossas avançadas.

Testemunhavamos, muito contrariados, aquella resurreição, porque parecia que a guerra duraria muito tempo se continuasse aquella inexplicavel indolencia.

Dizia-se, á bôcca pequena, que os generaes Osorio e Flores quizeram perseguir o inimigo, depois da batalha, para completar a sua destruição;

mas, encontraram tenaz opposição de quem commandava.

E' verdade que escasseava o grande elemento de perseguição—a cavallaria, que estava a pé, na maior parte: só tivemos bôa cavallada depois de chegar ao exercito o Marquez de Caxias.

A 14 de junho, precisamente na mesma hora em que começára a batalha de 24 de maio, toda a frente inimiga accendeu-se de sinistros clarões, e desabou sobre nós, que estavamos na vanguarda, uma tormenta de obuzes, de granadas e balas razas, sem rarear até á noite, causando-nos grande numero de baixas.

Suppunhamos serem os pródromos de uma outra batalha, e aguentámos a pé firme, formados em columnas abertas de grandes divisões. Foi esse o primeiro bombardeio que soffremos.

Era indescriptivel o estado do meu espirito, sentindo passarem horas e, com ellas, as esperanças de um ataque.

Via voarem sobre minha cabeça, seguidamente, sem interrupção, centenas e centenas de grandes projectis, que iam explodir mais adeante, no centro dos batalhões, espalhando a morte com os seus estilhaços. Outras vezes, caíam na frente e vinham, ricochetando, rasgar as nossas fileiras. Ouvia os seus roncoss proximos e sentia as vergastadas do ar deslocado por elles; acompanhava, curioso, os pontos negros, que vinham sobre mim em trajetorias rapidas, fataes, e se abriam em chammas avermelhadas e fumo esbranquiçado, derramando sangue e disseminando a dôr, abrindo peitos, despedaçando cabeças, dilacerando entranhas, arrancando gemidos, suffocando esperanças e derribando castellos doirados pela phantasia.

Quantas préces ouvi balbuciadas por labios moribundos, quantos adeuses de despedida suprema se trocaram naquella dia!

De repente, ouviu-se crepitar na matta da esquerda, uma fuzilaria alviçareira. Passou por todos os corações, um fremito de alegria. Nós, os da vanguarda, supuzemos, naquella momento, saír do estado de torpor oppressivo, em que nos achavamos, assistindo, immoveis, condemnados á impassibilidade, o contínuo esvoaçar da morte em torno.

As avançadas, atacadas, retiraram. Pouco depois, os atiradores inimigos apparecem na órla da matta: avançam; vêem as columnas de ataque; trôa a artilharia. Avançamos tambem: trava-se a batalha. Carregamos, freneticamente, á bayoneta; destroçamos os batalhões; tomamos a artilharia; penetramos a matta; assaltamos as trincheiras: fincamos na crista dos parapetos a bandeira brasileira, e seguimos sempre ávante, juncando de inimigos aquelles immensos esteros e altos magaes.

Apoderou-se de todos nós, um entusiasmo feróz, um desejo louco de pelear.

Decepção cruel! O tiroteio cessou. Fôram-se as esperanças, illusões ephemeras como a fumaça daquelles tiros, que ouvimos alvoroçados e cujos échos se sumiram.

Uma força inimiga se aproximou, em reconhecimento, dos nossos piquetes avançados e, recebida a desargas, retirou sem empenhar combate.

E o bombardeio continuou até ao escurecer, compassado, impressivo, tragico.

Quem assistiu a elle, immovel, debaixo de fóрма, jámais esquecerá aquelle triste dia pesado.

Depois, os bombardeios eram quotidianos. Ficámos habituados. As bombas de morteiros, granadas de 68, as balas razas passavam sem merecerem um olhar de curiosidade, nem mesmo de desprezo. Entretanto, faziam das suas, de vez em quando: quebravam uma perna; arrancavam um coração.

Mais tarde, os bombardeios tambem fôram nocturnos. Na primeira noite, nos assustámos muito; nas outras, nem o ouviamos: continuavamos a dormir acalentados pelo terrivel rumor de silvos, de explosões. Estavamos em verdadeira pasmaçeira.

O inimigo, parece, percebeu que não valia a pena bombardear-nos tanto; esmoreceu. Não se limitou, porém, a esperar-nos nas suas linhas fortificadas: veio avançando, lentamente, procurando flanquear-nos pela esquerda.

Estavamos faquirisados, sem probabilidade de saírmos daquelles areaes, num ambiente das emanações putridas de milhares de cadaveres de homens, de animaes inseputos ou mal assados em imperfeitas cremações horriveis. A agua que alli bebiamos, estava polluída, em alta dóse, pelas infiltrações dos mortos, sepultados em torno das cacimbas.

Um dia, fôram, de subito, disparados, da matta da esquerda, alguns tiros de canhão sobre o nosso campo: os paraguayos estavam, a tiro de espingarda, cavando trincheiras no nosso flanco. A nossa posição se ia tornando insustentavel.

O vencedor de Tuyuty, além de desgostoso, adoecêra. Entregou o commando do primeiro corpo do exercito brasileiro ao general Polydoro, no dia 15 de julho de 1866.

No dia 16, ao amanhecer, as nossas forças avançaram, denodadamente, sobre as novas posições da esquerda do inimigo, que cedeu o terreno, pal-a palmo, batendo-se com bravura: era um adversario digno de nos enfrentar.

A lucta continuou, renhida; o ataque, sempre violento e heroico; a resistencia, tenaz. Os guerreiros semi-barbaros do

Dictador tinham o empenho de vingar a tremenda derrota de vinte e quatro de maio : os nossos porfiavam por mostrarem aos nossos alliados que não havia, no mundo, soldados melhores que os brazileiros.

No empenho de flanquear o inimigo, marchou uma força para o Potreiro Pires. O meu batalhão, o 4.^o de infantaria, fazendo parte dellã, teve ordem de avançar pelo matto, no fundo do potreiro, ao lado da lagôa Pires, onde depois se estabeleceu a famosa Linha Negra. Fazia a vanguarda uma linha de atiradores, formada pela 7.^a e 8.^a companhia, commandada pelo joven e bravo tenente Antonio de Freitas Travassos.

Eu era alferes da 7.^a Entrámos, resolutamente, pela matta espessa, onde cada tronco occultava, pelo menos, um inimigo. Mas, a nossa linha avançava imperturbavel, deixando um rastilho de sangue dos seus valentes, passando por cima dos inimigos caídos, que nos dardejavam com olhares de colera, com esgares de desespero, e se estorciam nas vascas da agonia, arquejantes, suffocados pelas cruciantes dôres e pelo sangue a lhes jorrar das bôccas denegridas.

As cornetas não cessavam de tocar : — *Atiradores, avançar, fogo.*

Um soldado nosso foi ferido na panturrilha. Vi-lhe o sangue esguichar impetuoso : em poucos instantes, era cadaver. A bala cortára a poplitêa dessa bôa e valente praça. Pensava eu, até então, que um ferimento na perna não poderia matar tão deprêssa.

Chegámos ao extremo da matta, onde havia uma clareira natural, alargada por uma derribada para discortinar os *approxes*. Tinhamos, pela frente, uma trincheira artilhada e bem guarnecida, á qual recolheu, a marche-marche, a força que iamós combater.

Fomos recebidos por uma tempestade de vaias e uma saraivada de projectis. Os canhões trovejaram e a metralha nos varria impiedosamente. Alvejamos os artilheiros. Estavam bem protegidos : um ou outro caía. Distinguiam-se bem as suas cabeças : não poderia estar além de quatrocentos metros.

Eramos muito inferiores em numero, e combatiamos a peito descoberto. Seria loucura dar um assalto. Recebemos ordem de retirar, e chegamos ao Potreiro Pires sem disparar um tiro.

O inimigo quedou-se dentro dos seus parapeitos.

Estendemos uma linha na costa da matta. O resto do batalhão ficou de protecção, com armas ensarilhadas.

Do outro lado, na matta do Tuyuty, nas bocainas, o combate continuava vivissimo. Ouviamos a fuzilaria e os toques de corneta, ás vezes tão niti-

dos, que poderiamos indicar as manobras executadas pelos combatentes.

Descansavamos, sentados no chão, ou em monticulos de areia. Os camaradas nos trouxeram o almoço e tomámos, regalados, o nosso chimarrão, trocando as impressões do dia. Estava perto o amigo alferes Belchior da Fonseca, um gaiato e um bravo, que se reuniu ao nosso grupo e nos provocou gostosas risadas.

Contou-nos elle que, um dia, com meia duzia de homens, achou-se cercado, na matta, por força inimiga muito superior. Vendo-se perdido, mandou armar bayonetas e carregou com furia indizivel sobre os paraguayos, que lhe franquearam a passagem. E correu tanto que as balas, partidas ao mesmo tempo, chegaram ao acampamento depois d'elle.

O Belchior era de um sangue frio admiravel. Uma vez, depois do combate de 2 de maio, estava eu de linha com elle, perto do Estéro Belláco. Apareceu uma força paraguaya com uma estativa de foguetes a congrêve. Eu, cadête do 12.^o, e elle conversavamos, quando um dos foguetes passou junto de nós, do lado do Belchior que erguendo a perna, com um gesto de cavalgal-o, bradou, apontando a direcção do Passo da Patria : *Para o Rio de Janeiro !*

Esse valente acabou *espirita* no posto de capitão.

O combate continuava cada vez mais accêso, porque o general Polydoro, além de bravo, era teimoso. Era aquelle o seu primeiro golpe e queria vencer a todo o transe.

Ao cair da tarde, appareceu no nosso bivac um official de cavallaria, com duas ordenanças de clavina em punho: era o tenente Fonseca Ramos, que estava de ronda. Apeiou-se perto do commandante — um major de infantaria, que dizia *cracanhá* em vez de calcanhar, *câncavo* em vez de concavo, e acreditava que uma bomba poderia explodir sem estar carregada, porque — dizia — um engenheiro lhe havia assegurado que bastaria a entrada de *quarquê alsinho de fóra* para rebental-a.

O ajudante estava perto desse *implicante traquêjado*, que lhe déra uma ordem. Inmediatamente, o corneta de ordens tocou — *sargentos* — e, em poucos minutos, estava formada uma força de doze homens, com um inferior e um corneta.

Toçou-me commandal-a. Emquanto estive no 4.^o, commandado pelo major — *Prefilá*, dobrei em todo o serviço das avançadas. Implicou commigo o bom do homem, mas nunca pôde prender-me. Creio que foi elle quem, de uma feita, mandou furtar-me da barraca a minha roupa. Quando despertei para a formatura do alarme, não encontrei calça, nem blusa, nem bonet ; e como, se faltasse, iria, com certeza, para a

guarda da frente, apresentei-me em fôrma, de botas, ceroulas e manga de camisa.

O Fonseca Ramos montou a cavallo, e seguiu adeante. Entrámos por uma picada bastante larga e chegámos a uma clareira. Estimavamos-nos mutuamente, e a nossa amizade perdurou inalteravel em quanto viveu o intrepido defensor de Nictheroy, nos tristes dias da revolta de setembro.

Além dos affectos que ligam fraternalmente, soldados que, consorciados nos mesmos perigos, viram rutilar glorias communs, eu tinha pelo Fonseca Ramos uma grande admiração á sua bravura elegante ; gostava de vel-o cair em guarda, parar, partir a fundo com uma precisão, um *alongement* de Mérignac: era o melhor espada do exercito, franco, insinuante, cavalleiresco, com uma modestia que dava grande realce a todas as suas brilhantes qualidades de soldado. Apesar disso, foi marcado pelo *lapis fatidico de quem tudo podia*, por um peccadilho de amor, e marcou passo no posto de capitão esse bravo, um dos nossos mais galhardos officiaes, condecorado, solememente, á frente do exercito, por ter, com seis homens de cavallaria, rompido uma linha compacta de infantaria paraguaya, postada em Patinocué, para lhe cortar a retirada.

Formei o meu piquete em linha, e recebi as ordens.

— Dionysio — disse-me elle — aqui, nesta aberta, vêem dar duas picadas. Manda postar em cada uma, uma sentinella. Muita attenção á esquerda. Quem viér por ella, é inimigo : manda fazer fogo. Pela direita, pôdem vir forças nossas, das que combatem do outro lado da matta. Olho vivo e. . . sê feliz.

Era a primeira vez que me via isolado, commandando um grupo de homens, defronte do inimigo. A minha responsabilidade se me figurava enorme, como se de mim estivesse dependendo a segurança do exercito, a vida de milhares de homens e a fama da minha patria. Aquelle posto me parecia erigido de difficuldades, e, por isso mesmo, o considerava altamente honroso. Estava resolvido a fazer-me matar naquelle piquete. Velaria, attento, toda a noite. Ninguem, alli, pregaria olhos.

O tiroteio continuava sempre nutrido.

Escureceu. Em logar de um homem, em cada bôcca de picada, colloquei dois. Tendo eu doze homens, podia dar trez quartos de quatro, cada um. Eu mesmo os postei e lhes recomendei que, ao menor ruido, fôsse um chamar-me ; que estivessem alertas, mas, não atirassem sem ordem minha. Tambem eu estava alerta e os rondava constantemente. Os outros soldados, com armas carregadas, ficaram proximos. Ninguem fumava ; ninguem conversava.

Pela noite adiante, foi o tiroteio escasseando lentamente. Era quasi meia noite, e a fuzilaria ainda crepitava perto de nós, do outro lado, se bem que menos cerrada. Sentei-me num tronco velho e scismava nos absurdos da vida, nessa guerra entre homens que se matavam como feras, sem se conhecerem, quando deveriam ser amigos. A ambição, a vaidade haviam postergado os verdadeiros interesses das duas nações, o bom senso, o amor.

Perfilou-se deante de mim o cabo de esquadra, e disse-me baixinho: sr. alferes, parece que anda gente no matto, e bem perto. Ergui-me, rapido, como se me impellisse poderosa móla. Num momento, cheguei á bôcca da picada da esquerda, aquella por onde só poderiam vir inimigos, como me previnira o Fonseca Ramos.

A noite não era escura. As nossas sentinellas estavam na posição de preparar, com as armas engatilhadas, prescrutando, como caçadores na tocaia, as sombras da floresta. A picada não era estreita. Apareceram, na penumbra, ao longe, uns vultos. O cabo estava ao meu lado e o sargento com o resto da força, muito proxima formada na clareira. Deviam ser inimigos, porque aquella caminho era o delles.

A ordem era fazer fogo; mas, mandei uma das vedêtas perguntar em vóz alta: *quem vem lá?*... Se fôsse paraguay, não responderia.

Uma vóz fatigada murmurou: *Camaradas!*

—Mande fazer alto—ordenei.

—Faça alto—bradou a sentinella.

Os vultos pararam e mandei reconhecer-los pelo cabo e dois soldados.

Eram soldados do 1º de infantaria, extraviados. Atráz delles, vinham outros. Detive-os e com elles reforcei o meu piquete.

Pouco a pouco, o tiroteio foi cessando. Ouviam-se, apenas, tiros esparsos: um, mais outro, disparados pelas vedêtas de outros piquetes.

Continuei, sempre vigilante, até á madrugada; e, quando a matta começou a clarear, segui pela picada suspeita com o cabo e seis praças. Chegámos a uma bocaina. Passavam ao longe, no fundo, paraguayos, dois a dois, carregando feridos e mortos. Respeitei aquella piedoso serviço, e voltei com os meus bons soldados á clareira onde haviam ficado os outros com o sargento.

Ouvimos, então, os sons alegres da alvorada e, quando, na ultima parte, as cornetas tocaram — *tirar bonets*, todos nós, formados, nos descobrimos respeitosos, e os labios daquella gente rude balbuciaram uma préce.

Dahi a pouco, recebi ordem de retirar e recolhi ao batalhão com o meu piquete, maior que na véspera.

Se fôsse sempre assim.

DIONYSIO CERQUEIRA.

AQUELLE BONECO!

Aquelle boneco da *Maison Moderne!*

Eu assobio, pisco os olhos e dou um premio por 200 réis.

E tudo isto com desrespeito e sem pudor, sobre o vermelhão velho duma cartola de ferro esfuracado, com uma fita de aluminium.

Assim, curiosamente apetrechado, immovel, rosto negro, olhos negros sobre um fundo branco, vivo e liso, dentes pequenos e geometricamente pintados e, na bôcca, de beiços grossos e lerdos, um charuto insolente, aquella boneco tem a simplicidade admiravel das coisas uteis e eternas! Téem passado por elle multidões fogosas de cavalheiros amorosos e de damas pallidas que exercem o Rito sagrado da Profanação, com os seus olhos dançadores e languidos, o balanceio preocupado do corpo para a cerimonia da alliciação, murmurando seducções e peccados, num mesmo esplendor de veneno!

Aquelle boneco continúa indefectivel e sublime (e nunca foi tão preciosa esta classificação) na sua oleosa personalidade metallica. Vê-se, porém, nesta mesma impassibilidade indestructivel quasi a exquisita perversidade de um riso, não nos labios parados e vastamente imbecis, mas nos olhos, no estranho fulgor dos olhos que attendem, ao mesmo tempo, a todos os freguezes e os conhece e os comprehende.

Aquelle boneco ri!

* *

Aquelle boneco sabe rir!

Na sua rigida immobilidade, desmanchada logo ao rapido tilintar do nickel, em que, então, todo elle só apresenta os olhos canalhas e os assobios agudos, aquella boneco, automatico de uns réis 200 réis, vive e goza, e é um exemplo saudavel para os homens de Deus que por tradições ou convenções estacam, hesitantes, medrosos, ao primeiro obstaculo, e tornam-se perpetuamente infelizes.

O Todo Poderoso, antes de crear Edens e Evas, Aguas e Animaes, Arvores e Serpentes, deveria ter atulhado este mundo todo daquelle boneco singular que assiste ao váe-ven contínuo da civilisação e da Faceirice, com o mesmo ar obediente e esperançoso e a mesma delicia de sempre.

Util e sordido na sua felugem, pontual e submisso, aquella boneco não tem o labor tenaz e funesto de dirigir almas, castigar erros, publicar obras, engrossar remissos e gerar cidadãos... Para que riam os seus olhos e ephemeramente vibrem, com precisão e assobios, nada mais é preciso além da

banal introducção na abertura do seu peito esquerdo de uma moéda que o egoismo dos homens creou para o proprio desespero do homem.

* *

Aquelle boneco é um symbolo! Hoje, por todo este Brazil sapiente e fabuloso, existe uma casta de homens, livres da humilhação das Inquietações e das Duvidas, que vivem na mesma santa e magnifica paz daquelle boneco ironico.

Elles recebem, igualmente, com indolencia e talento, o Nickel Gordo, para executar, com mais ligeireza e riso, em presença de theorias e especies diversissimas, a vaidade suprema do Outro. Pelo seu cerebro, jámais passou idéa que não viesse do poder, nem a sua mão assignou acto que não fôsse inspirado pela divindade... Elles recebem com a mesma pachorra e o mesmo silencio daquelle boneco ditoso, as invectivas e os odios, os desprezos e os louvores. O Nickel Gordo supéra todas as difficuldades e todos os insultos e o seu amor é fiel e a sua espinha cordata e amiga. Não ha lamento que lhes mereça uma consolação, nem consolados e poderosos para quem não sejam blandicias e affagos.

* *

Aquelle boneco é intellectual!

Sim, existe uma differença amarga entre estes homens e aquella boneco. Na honesta permuta deste, entre a sua fidelidade divertida de cumprir o que promette e a clara inconsciencia dessa casta de homens devotos e conservadores, de nada prometter e de cumprir tudo o que a vontade do outro lhes ordena, em troca do Nickel Gordo, váe uma superioridade distincta que o exalça e o torna digno, envolvendo-o numa atmosphaera de intellectualidade.

Aquelle boneco, no brilho forte dos seus olhos, guarda o humor na propria miseria e ri do entrelaçamento das mulheres simples e dos homens frageis, assistindo-lhe as chalaças e as grosserias e folgando debaixo daquelle céu impio do repinicado dos beijos sem sabor e dos langores fingidos... E os homens dessa casta nobre e incondicional não ríem, não espetam um dedo independente e discordante, e téem, entretanto, todos os movimentos que o nosso augusto Pae deu aos seus filhos augustos naquelle memoravel dia!

São bem mais infelizes com o seu Gordo Nickel do que aquella boneco sinistro e leal, aviso util aos Insubmissos e aos Insaciaveis.

* *

Aquelle boneco da *Maison Moderne!*

FRANCISCO SERRA.

SCIENCIA E INDUSTRIA

AS LIGAS DE ALUMINIO

Por maiores que sejam os defeitos reconhecidos no aluminio, apóz o entusiasmo do primeiro momento, não se deve cair na exaggeração em sentido contrario, porque esse metal póde prestar importantes serviços sob certas condições e fórmias, offerecendo qualidades especiaes de liga.

Sendo todos os fabricantes de aluminio interessados na vulgarisação do conhecimento dessas ligas, a Companhia de aluminios de Neuhausen pediu á repartição de ensaios de materias da Escola Polytechnica de Zurich, lhe fizésse uma série de analyses do bronze de aluminio e, tambem, procurasse os effeitos da addição de determinadas quantidades sobre o bronze.

Nesta parte das investigações, ficou demonstrado que, até um certo limite, o cobre se torna mais duro, á medida que a proporção de aluminio augmenta; depois, como acontece, frequentemente, em semelhante materia, o metal amollece, de repente, pela liga. Nas ligas fortes desta ordem, se obtem o maximo de resistncia com 1/4 % de metal addicionado, ao passo que, quanto ás molles, o maximo de estabilidade se encontra na proporção de 3/4 %. A resistncia á tracção diminúe parallelamente ao augmento da proporção e bastam 2 % para tornar o metal obtido absolutamente imprestavel.

Fracas proporções de *silicium*, addicionadas ao aluminio, augmentam, consideravelmente, a sua dureza, mas diminúe muito o esforço de ruptura. Reconhecem-se, além disso, que bronze de aluminio, contendo 10 % deste metal e um composto de ferro e *silicium* na proporção de 1/5 % do total, se torna muito quebradiço para qualquer applicação, como se verificou por experiencias de ruptura e de fractura, a frio, pelo martello. Nesses ensaios a frio, diversos bronzes manifestaram uma tenacidade, verdadeiramente, notavel; demonstrações analogas fóram feitas quanto aos bronzes aquecidos a rubro e até cêrca de uma temperatura de 6000. O aquecimento os torna, geralmente, molles e muito plasticos; são maleaveis, laminam-se e moldam-se; devem, por consequencia, dar bons resultados quando se trata de punccional-os, de estiral-os e transformal-os em folhas. A temperatura mais favoravel, no ponto de vista da ductibilidade, é a do vermelho cereja claro, sendo que o augmento das proporções de *silicium* e aluminio abaixa a temperatura necessaria a essas operações.

Fizeram-se experiencias de uso pelo attricto ao contacto de um disco fundido, continuamente lubrificado. Os

mais duros bronzes, os que continham menos de 89.6 % de cobre, accusavam menos gasto que o metal de forro de eixos, submettido, simultaneamente, ás experiencias. O contrario, porém, acontecia com os bronzes molles. Os que continham menos de 6 % de aluminio aqueciam, de repente, ao contacto do disco metalico.

Entre as conclusões dessas experiencias, chega-se á opinião de que o emprego dos bronzes de aluminio não é impraticavel como capacidade e em fôrros. A liga que offerece melhores condições de estabilidade para a laminação, é a que contém entre 10 e 8 % de aluminio e *silicium*; acima de 10 %, a fragilidade é notavel; abaixo de 8, a estabilidade é muito baixa.

(La Nature)

* *

GUTTA-PERCHA ARTIFICIAL

Este producto foi obtido pelo chimico suiso Gentsch. Affirma a *Electrotechnisch Zeitung* que é absolutamente similar ao producto natural, e custa muito menos.

A gutta-percha Gentsch é um composto de caoutchouc puro e de resina de palma. Os dous corpos téem o mesmo ponto de fusão e não se pódem separar, ainda que se esfriem.

A gutta-percha artificial amollece mais demoradamente que a natural, e a sua resistncia elastica é um pouco superior.

Para experimental-a, construíram-se cabos de 24 kilometros de comprido, e os resultados obtidos, até agóra, são bons.

O novo producto só tem um inconveniente, e é que, sendo mais viscoso que a gutta-percha natural, não serve para fazer soldaduras. Remedeia-se isso, empregando, para fazel-as, uma camada de caoutchouc puro.

* *

AS ARVORES NA ALLEMANHA

A legação italiana de Munich acaba de informar ao seu governo do augmento que, na arborisação das ruas da Baviera, vão tendo as arvores fructíferas.

Nas principaes, abundam as pereiras, macieiras e nogueiras, as quaes, além de aformosearem os passeios, proporcionam uma consideravel receita aos cofres municipaes.

A vigilancia do arvoredo importa, annualmente, em 2,76 francos por cada arvore, e, como se obtem um rendimento de fructa de 9,30, termo médio, resulta um beneficio liquido annual, por arvore, de 6 e meio francos ou um total, approximadamente, de 1.202,686 francos.

A cifra, como se vê, é importante e o exemplo digno de imitação, já não dizemos a nosso respeito porque nós tratamos florestas e mattas da maneira mais carinhosa... em beneficio de carvão e de lenha para o consumo das nossas estradas de ferro.

* *

A SEDA VISCOSA

A seda é um genero de primeira necessidade, imprescindivel para a mais bella porção da humanidade. E como a natureza reduziu a existencia do bicho que lhe produz a materia prima, a certas zonas, a quantidade fabricada é progressivamente inferior ao consumo, por sua vez, sempre crescente. Da raridade nasce a carestia e desta a elevação de preço que faz da seda o eterno sacrificio da bolsa dos maridos, dos paes pobres, cujas mulheres e filhas não são menos faceiras que as suas congeneres opulentas. Dahi, as fraudes grosseiras, as contrafacções engenhosas da industria, que impinge mesclas de algodão e de lã com todas as apparencias encantadoras da sêda pura.

O meio unico de baratear o precioso estôfo seria tirar ao artista primitivo, o vérme humilde, o privilegio de lhe fabricar a materia prima: é isto, precisamente, o que se conseguiu com a *seda viscosa*, uma extraordinaria victoria do homem contra a natureza.

Na fabrica dessa preciosidade, perto de Stettin, trabalha-se activamente, e duzentos homens pódem produzir, diariamente, 500 kils. de seda. As despesas dessa fabricação não excedem, inclusive a mão de obra, a 1.500 frs. ou 2 frs., 87 por kil., quando o preço da sêda vulgar attinge a 30 francos.

A materia prima da *seda viscosa* é a pasta de papel que os chimicos chamam cellulóse, transformada por uma habil mistura de sôda caustica em alcali-cellulóse, que se dissolve no sulfureto de carboneo. Dessa série de manipulações, sáe um residuo que, conforme as sabias fórmulas da chimica organica e a cellulóse sexanthato de sódium, que, de accôrdo com os felizes inventores, foi denominado — *viscose*, o embryão da seda artificial, que, depois de clarificado em abundante agua, é reduzido a fios quasi microscopicos, passando por processos que constituem o segredo da invenção, consistente, em particular, na trituração.

O fio de cellulóse puro, torcido, e accommodado em turbinas, é tratado em diversos banhos de composição variavel, nos quaes o acido sulphurico e chlorydico representa importante papel.

A seda viscosa não amollece n'agua, nem perde a sua força, tendo o aspecto das mais bellas sedas chinezas.

FARIAS BRITO

VI

O capitulo com que se abre a primeira parte da *Finalidade do mundo*, trata dos dois grandes problemas fundamentais de toda sociedade humana — o direito e a moral — e, portanto, dos dois objectos da philosophia na sua função pratica.

E' claro que estes dois problemas não têm o character de irreductibilidade: poderíamos reduzir ainda toda a existencia da sociedade a uma simples manifestação ou phenomeno moral. Ora, sendo esta a sciencia mais complexa de todas e sendo producto da philosophia — segue-se que a philosophia é a função mais alta do espirito humano.

De sorte que não é necessario distinguir na philosophia os intuitos praticos e os fins proprios ou theoreticos: mesmo creando a sciencia (função theoretica) vem a crear, e por isso mesmo, a moral.

Trata, em seguida, o auctor de estabelecer as bases para julgamento da conducta ou das acções humanas. «De dois modos pôde o homem proceder na sociedade: de conformidade com as suas convicções ou de conformidade com as suas conveniencias. Pôde-se, pois, estabelecer como regra que o grau da moralidade está na razão inversa do sacrificio das convicções a conveniencias. Assim, aquelle que nunca sacrifica suas convicções a conveniencias, é um homem perfeito.»

Aqui, parece que ha uma petição de principio. — E si as convicções que se não sacrificam fôrem menos nobres que as conveniencias relegadas? Realmente, a fórmula é a que nos dá o auctor; mas, os elementos que entram nella é que precisam de ser examinados. De facto, eu não me julgo no caso de dar sentença a proposito ou sobre uma certa acção, só porque me disseram que o agente se conduziu de accôrdo com as proprias convicções, fiel á propria consciencia. Naturalmente, preciso de saber o que é, como é a consciencia desse homem.

Farias Brito mesmo nos previne. Depois de dar a fórmula, elle objecta: «Mas, as nossas convicções *variam* e estamos a todo instante sujeitos ao erro: Onde poderemos neste caso encontrar convicções verdadeiras? — Na philosophia.»

Conclúe-se, dahi, que ha talvez uma moral absoluta, um typo supremo de moral; mas, não se concebe moralidade absoluta. A moralidade é sempre relativa: está sempre na razão da cultura. A obra da moral é ir apurando a moralidade. E como da moralidade decorre o direito, fica evidente que a philosophia, como creadora da moral na pratica e da sciencia theoreticamente

— vem a ser a função mais elevada e mais fecunda de toda a nossa actividade espiritual. Mas, uma vez que a moral abrange todas as sciencias que a precedem — porque não havemos de attribuir á philosophia a função de gerar a moral, simplesmente?

O capitulo II intitula-se *O direito e a moral*. Depois do que vimos, aqui só se admite distincção quanto á extensividade dos vocabulos. O direito pôde não estar de accôrdo com a moral philosophica; não se pôde pôr em duvida, porém, que a *moralidade* (quer dizer — o que se constata na collectividade como obra positiva da moral) é que determina, orienta ou produz o *direito*. Por outros termos: o *direito* decorre da *moralidade* das gerações, como a moralidade das gerações é fructo do esforço philosophico pelo triumpho contínuo, progressivo da moral absoluta.

Quer-me parecer, por isso, um tanto artificial a divisão de dominios que faz o auctor entre morale e direito: «o dominio do direito — professa elle — é a obediencia necessaria do cidadão ás leis politicas; o dominio da moral é a consciencia do individuo» — portanto a obediencia ás leis moraes. E tanto assim que o proprio Farias Brito, logo aadeante, nos diz «que o direito é a propria lei moral, com esta differença — que no dominio do direito a lei moral é assegurada coactivamente pelo poder publico. Assim — a lei moral é o todo, de que o direito é apenas uma parte; nem outra cousa pôde ser imaginada, sendo que o direito, nascendo da politica, que é uma concepção da sociedade, não pôde deixar de estar subordinado á moral, originada da philosophia, que é uma concepção do mundo.»

Perfeitamente.

No capitulo III — *A philosophia e seu objecto* — analysa Farias Brito as diversas escolas, desde Thales até Comte e Spencer, declarando-se em completo desaccôrdo com estes ultimos, quando «confundem a sciencia com a philosophia.»

No IV capitulo, manifesta-se francamente contra o erro do positivismo, que condemna a metaphysica — julgada pelo auctor, e com razão, como «uma necessidade fundamental do espirito humano». «Neste ponto — escreve — Schopenhauer tem razão quando diz que o homem é um animal metaphysico, porquanto em todos os tempos o homem sempre se esforçou por elevar-se á explicação ultima das cousas, e em sua ancia de saber é certo que não se satisfaz com o conhecimento do phenomeno — quer conhecer o que ha acima do phenomeno e lhe serve de causa, aspira ao conhecimento da *cousa em si*.»

E' excepcionalmente notavel este capitulo. Em absoluto, estou com Farias Brito. Nem posso conceber philosophia sem metaphysica, mesmo por-

que isto de metaphysica andamos em vespera, talvez, de reconhecer que é nada mais que uma pura convenção do espirito philosophico, e uma convenção devida á insufficiencia do nosso senso, e, portanto, falsa. A metaphysica é a vida mesma, a alma da philosophia. Quando muito, poderíamos ficar com Schelling, acceitando a discriminação de *philosophia da natureza e philosophia transcendental*. Mas, ainda neste caso: como diz o nosso philosopho, si bem que «distinctas e mesmo oppostas» e si bem que «cada uma procure absorver a outra» (o que aliás não entendo bem, pois o que se dá é que andam ambas à *l'insu* uma da outra) ha para ambas um principio commum: é que as leis da natureza devem ser encontradas immediatamente dentro de nós como leis da consciencia, ao mesmo tempo que as leis da consciencia devem poder ser verificadas no mundo exterior, onde se acham como leis da natureza.»

Estas palavras são altamente sabias. Para reduzir á unidade aquellas duas philosophias ou, antes, aquelles dois ramos ou divisões da philosophia, basta reflectir no desapercibimento com que, ainda hoje, entendemos por natureza sómente aquillo que fica accesivel á nossa visão, sómente a materia tangivel, *abstractum* de forças ou séde de phenomenos que incidem sob o nosso senso actual.

Mas, francamente, com que criterio delimitamos o mundo dos phenomenos naturaes? Por outra fórmula: — onde é que começa para nós a super-natureza da metaphysica?

ROCHA POMBO.

PAGINAS ESQUECIDAS

A VIDA

(NUM ALBUM)

Vida — punhado de areia
Morte — rajada de vento !...

GUERRA JUNQUEIRO.

A vida é sonho para quem véla:
será realidade para quem dorme?

OLIVEIRA MARTINS.

O meu amigo Oliveira Martins disse que a vida é *um sonho*; o meu amigo Guerra Junqueiro disse que é um punhado de areia. Se é sonho, é o unico que vále a pena sonhar; se é areia, é a unica sobre que vale a pena edificar.

EÇA DE QUEIROZ.

*
* *

MULHERES

Se ha quem diga que as conhece
Aposte. Digo que mente.
Mas tambem não me parece
Que haja alguem tão imprudente
Que diga: conheço-as eu.
Aposte e veja: — perdeu.

Se por teimosas não cedem,
Aqui lhes ponho um exemplo :
Atraçoam quando pedem,
Orando dentro do templo ;
Não atraçoam ? Casou
Quem tal affirma :—e ganhou ?

Inda estou pelo que disse :
Se rezam, o que duvido,
Quizéra que alguém ouvisse
A reza toda, o pedido,
Por quem era não sei eu :
Pelo marido ?—perdeu.

Eu que affirmei que não era,
As provas vejo deante ;
Se a oração foi sincera
E' tinha ao lado o amante.
A quem commigo apostou
Pergunto agóra :—e ganhou ?

A aposta é breve e singela :
Sim ou não ? Diga, responde ;
Por quem rezaria ella ?
Embóra as razões esconda,
Não diga :—conheço-as en :
Aposte, veja, e—perdeu !

LUIZ AUGUSTO PALMERIM.

*
* *

DISCURSO do sr. Affonso Celso Junior, a proposito do movimento de varias camaras municipaes, no sentido de ser destituida a dynastia e mudada a fórma de governo.

.... ..

Hoje, é innegavel, a mocidade que surge das academias, dos seminarios, do exercito, da armada, é francamente republicana.

O SR. ZAMA:— Nos seminarios, não.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Nos seminarios mesmo é francamente republicana, ou, pelo menos, indifferente á forma de governo. A imprensa mais popular, mais lida, a mais apreciada, é republicana.

O SR. ARAUJO GÓES:— Qual é? Na Côte não ha nenhum orgão republicano.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Isso é querer tapar o sol com uma peneira. Então a imprensa é sinceramente monarchica ?

Mais ainda : Martinho Campos declarou uma vez, em plena Camara, que tinha vergonha de ser monarchista; e o meu illustre amigo, deputado pelo 1º districto de Pernambuco, em quem eu vejo um dos futuros e mais solidos sustentaculos da causa monarchica...

O SR. JOAQUIM NABUCO:— Presente.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR — ... presentes e futuros, declarou tambem, em pleno parlamento, que neste paiz havia mais coragem em ser monarchista do que em ser republicano.

O SR. ARAUJO GÓES JUNIOR:— De certo, porque os republicanos sobem mais depressa. (*Riso*).

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— O partido republicano é hoje um partido militante em S. Paulo, no Rio Grande do Sul, em Minas Geraes e no Rio de Janeiro.

Tem mandado deputados ás assembléas provinciaes, já os mandou a esta Camara; e na provincia de S. Paulo está em maioria em grande numero de camaras municipaes. Ha 10 annos, ninguem fallava em republica

Hoje, raro é o dia em que na tribuna e na imprensa não se clama por ella, e o governo ouve os brados, sem os poder reprimir.

Juntai a isto as exigencias de reformas, que cada vez mais accentuadamente se fazem sentir; a precaria situação em que nos achamos em relação á crise de trabalho; as conquistas, que o espirito publico foi effectuando, e respondi-me, em consciencia, si não vem perto talvez a victoria do sentimento republicano que tem calado fundamentalmente na alma nacional.

Não ha no Brazil uma unica classe interessada directamente na manutenção da monarchia. A classe mais poderosa, mais conservadora, a lavoura, mostra-se hostil ás instituições.

Não temos tradições monarchicas, não temos aristocracia.

O primeiro rei que pisou as nossas plagas, veio da Europa acossado pelo perigo.

O primeiro Imperador, não obstante haver concorrido efficaçamente para a nossa emancipação politica, nove annos depois foi banido do Imperio.

Tudo isso, sr. presidente, está mostrando que o governo conservador, o primeiro defensor do throno, não podia nem devia ficar impassivel, como se mostrou o nobre ministro do Imperio ante os pronunciamentos symptomaticos da opinião publica, feitos pelo orgão das camaras municipaes.

O SR. ALVES DE ARAUJO:— Apezar de tudo, o paiz é monarchico.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Como pôde o nobre deputado affirmar-o? Nunca tivemos guerras dynasticas, como nunca tivemos feudalismo, de que derivasse espirito monarchico. O povo é, quando muito, indifferente á forma de governo.

Basta recordar, demais, que todas as manifestações da vitalidade nacional no Brazil, têm sido em pról da republica. Foi republicana a revolução de Minas, do Tiradentes; fôram republicanas as revoluções de Pernambuco de 1817 e de 1824; foi republicana a revolução do Rio Grande do Sul em 1835; foi republicana a revolução da Bahia de 1837; e assim muitos outros movimentos significativos, sempre em pról da republica. (*Apoiados*).

Na época da Independencia, existia um partido democratico organizado, disposto a proclamar a republica, para o que aguardava a partida do principe regente para a Europa. José Clemente Pereira fez allusão a esse partido no discurso que determinou o celebre — *Fico*. Nos ultimos annos do primeiro Imperio, periodicos numerosos pré-gavam a republica federal.

No seio da primeira Constituinte, alguns deputados propuzeram que se elaborasse a Constituição sem consultar o Imperador, devendo este submeter-se á decisão ou resignar a corôa. (*Apartes*).

Logo apóz a abdicación, surgiram varios projectos republicanos. O ultimo foi de Antonio Ferreira França, dispondo que o Imperador ficaria desde logo deposto, deixando o governo do Brazil de ser patrimonio de uma familia. (*Apartes*).

Mas, que mais factos se fazem mistér

em comprovação do meu asserto de que a indole do paiz e as suas tradições o predispõem para outra fórma de governo, si no proprio seio do gabinete encontro francas adhesões ás idéas republicanas?...

Não ha trez annos, o illustre sr. ministro da Agricultura terminava vehemente discurso, exclamando que ao povo nada mais restava sinão recolher-se ás suas casas para assistir das janellas á passagem dos funeraes da monarchia.

O SR. RODRIGO SILVA (*ministro da Agricultura*) dá um aparte.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Não é licito á minha phrase tósca, reproduzir a fórma brilhante de v. ex.; mas, o pensamento foi esse.

O meu eloquente amigo, ministro da Justiça, com cujas idéas adeantadas sempre tive a fortuna de me achar de accôrdo, mais de uma occasião asseverou, solemnemente, que toda a sua vida era um protesto contra o Principe usurpador, e concitou os liberaes, os conservadores, os republicanos, os homens de todas as seitas a se reunirem á roda do estandarte da liberdade constitucional, para sacudirem o jugo de uma omnipotencia usurpadora e illegal que tem estragado todas as forças vivas da nação, e que não pôde ser melhor representada que dizendo-se: ella é o *deficit* e o *deficit* é ella!... Accresce que nesse ponto recebeu apoiados do honrado deputado pelo 11º districto do Rio de Janeiro, o mais puro representante das idéas conservadoras no Brazil.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA dá um aparte.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— O governo, pois, como quer que seja, não pôde fechar os olhos ao movimento que se agita.

O SR. ZAMA:— O que elle tem de melhor a fazer é mesmo fechar os olhos e ir por deante.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Lavra descontentamento surdo e immenso por todo o Imperio. Ninguem está satisfeito. O partido conservador arroga-se o papel do liberal; de sorte que, em breve, veremos em pratica o *steep chace* de reformas de que se arreceiava o rei Leopoldo. As provincias estão quasi em bancarrota. O *deficit* é permanente. Sommai todas estas parcelas, imaginai o dia em que o exercito do funcionalismo não receber o seu soldo, o que não é difficil de succeder, e confessai que as representações das camaras municipaes devem impressionar seriamente o gabinete que se diz conservador (*Trocaram-se muitos apartes*).

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Não estou fazendo propaganda. Exponho simplesmente os factos. (*Continuam os apartes*).

Rogo aos nobres deputados que me deixem fallar. Estou fatigado.

As minhas condições physicas não me consentem usurpar, por longo prazo, a attenção da Camara.

Por interesse proprio, permittam-me concluir. (*Não apoiados*).

O SR. JOAQUIM NABUCO:— Estamos ouvindo a v. ex., com grande interesse. (*Apoiados*).

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: — Mas o governo recolhe-se aos arraiaes do silencio. Permanece na Capua do indifferentismo, depois de facil victoria sobre a escravidão. Toma talvez por hymnos festivos os toques de clarim que arregimentam forças para proxima e renhiddissima pejeja.

O SR. ZAMA: — Quando apparecer, o governo sacará da espada. (*Riso*).

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: E' ainda significativo o aspecto da Camara.

Acolhe a noticia e a prova de que as instituições perigam, com benevolencia rissonha.

O nobre ministro do Imperio exhibe a maior tranquillidade.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — E' que não acredita nessas prophcias de máu agouro.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: — Nas de Thiers, que eu recordei ao começar, egualmente ninguem acreditava. A physionomia do sr. ministro é prazenteira.

O SR. ZAMA: — E' sempre assim.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: — Oxalá se conserve de tal fórma por dilatado tempo.

Mas, o que está patente é que a monarchia não dispõe nesta casa de defensores entusiastas e ardentes que se irritem e se inflammem ao ouvir que todos os elementos conspiram contra a sua permanencia.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Peço a palavra.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: — Vou terminar.

No poema estranho do Ahasvérus, em que, no dizer de Pinheiro Chagas, palpitam as convulsões da alma humana na sua laboriosa gestação de um idéal religioso, poema de que a litteratura patria possúe hoje uma admiravel paraphrase, na *Comedia dos Deuses*, de Theophilo Dias, mais do que uma poesia sublime, ha uma lição profunda na grandiosa scena do diluvio.

O Creador Supremo ordena ao oceano que vá apagar a terra, como phrase incorrecta, mal escripta em seu soberbo livro.

O oceano corre a cumprir o mando irrevogavel.

No vertice do mundo apenas resta a torre de um rei, que se banqueteia, rodeiado de seus principes, e que desdenha a onda invasora que já abranje a planura, pois, embóra sobreponha vaga sobre vaga, jámais ousará roçar a altura do seu paço altivo, onde, demais, os guardas feis hão de repellil-a, si se atrever a querer entrar.

Si o oceano viésse, diz um dos satrapas, seria para lamber os pés ao monarcha. Ou para trazer-lhe um diadema entrelaçado com as suas perolas e coraes, lembra outro satrapa.

O rei rejubila... Enumera as suas grandezas, recorda o seu poderío, exclama que o mar, antes que a alvorada aponte, terá da taça vazia sorvido o ultimo trago e que para os soberanos não se acabará nunca a vida dos patriarchas.

Nisto, escuta um ruido como o de uma onda batendo num penedo, e abalroando-o.

Pergunta o rei, ancioso, o que é:

«E' o gemer funereo da plebe vil que se lamenta», responde o primeiro satrapa.

Mas, o ruido avulta, augmenta...

«E' o soluçar do teu imperio» accrescenta o segundo satrapa.

O rei tranquillisa-se.

Recomeça o festim.

Que importa que o mundo se despedace sob seus olhos como um navio roto? Não lhe merecerá isto mais que um sorriso.

O oceano é longinquo.

Jámais contou os degraus infindos do régio palacio, degraus de marmore e de bronze.

E' uma creança desvairada! E que os seus pés não resvalem os preciosos ladrilhos!

Cuidado em não manchal-os com a sua saliva!

A torre é inviolavel e sagrada.

Ninguem a vingará sem vertigem.

Quando muito, o rei condescendente lançará ás vagas revoltas e importunas, uma migalha da sua festa, para que ellas se desviem e sigam outro caminho.

Mas, batem á porta impetuosamente.

O rei pede socorro.

Os satrapas não mais o conhecem e procuram fugir.

— Quem está?! pergunta o monarcha, espavorido.

E' o oceano que exige entrada, indomavel, brutal.

O rei humilha-se... Chama-lhe invencivel e pergunta-lhe o que deseja, o que busca.

— Quer o seu manto real?

Tremendo, lh'o atira. O oceano zombeteia...

O manto régio é pequeno demais para os hombros do gigante.

O rei lhe offerece, então, a sua maravilhosa taça de ouro e convida-o a beber um vinho extraordinario.

O oceano ri-se.

Que ha que lhe possa lenir a sêde?

O rei tira desvairado a corôa para depô-la na fronte humida do monstro.

Este a rejeita, preferindo o diadema das vagas triumphantes.

E váe subindo; senta-se á meza do festim; senta-se no throno.

Bóia um flóco de pallida espuma, onde existiu um mundo...

E victorioso supremo, dilatando o olhar pelo seu illimitado dominio uniforme, vendo nas ondas subditos feis, nos rios humildes escanções, certos de que tudo se dobrará á sua vontade, que poderá levantar e derribar, ao minimo palpito de seu peito, mugidoras Babeis, elle desdobra satisfeito o seu infinito manto, em que, mirando-se, flameja a fonte de todo o calor, de toda a vida, de todo o movimento — o sol, — symbolo augusto da liberdade! (*Muito bem: muito bem. O orador recebe muitas felicitações*).

(Discurso pronunciado, na Camara dos deputados, na sessão de 6 de junho de 1888).

CARTA DE CAXAMBU'

A VIAGEM

As descripções de certas viagens são os escriptos menos rectilíneos e uniformes, que se pôdem imaginar. E' que o estylo deve, de algum modo, pela simples inspecção dos seus traços geraes, dar uma idéa precisa do assumpto tratado.

Como viajei eu, por exemplo, da gare da Central á gare de Caxambú? Em linha recta, em estradas duma mesma bitola? Não. Os trez trens em que andei, descreveram milhares de curvas, subiram serras, desceram morros, entraram em tuneis, collearam valles, atravessaram paysagens tristes e alegres. Milhares de aspectos diversos da natureza, contemplei; em dezenas de lugarejos, fiz parada. Como redigir, então, quatro paginas eguaesinhas, para vocês lerem, sem pittoresco, sem estações, sem trechos claros e sombrios, sem solavancos ou baldeações? Certo que não é possível. Escreverei, pois, ao sabor das recordações que me viérem, das sensações que me voltarem, nitidas ou quasi apagadas. Farei os meus kilometros de linha de papel pautado, sem fugir ás observações que me acudirem, sem fechar a portinhola ás boas ou más impressões da minha viagem.

Estamos, portanto, entendidos. Peço na minha caneta, no meu *block*, no meu tinteiro e no meu *louvre*, e, para lhes ser agradavel, volto ao ponto de partida, ao Rio. Encho-me de coragem; a minha penna mergulha na tinta preta, ageito o papel em posição conveniente á escripta; e a viagem que fiz em dez horas, tornal-a-ei a fazer em meia hora, batendo todos os *records* de rapidez.

O pensamento, mais veloz que o automovel, a bycicleta, os expressos ultra-modernos e os cavallos pre-historicos, vencerá a distancia Rio-Caxambú, em algumas dezenas de minutos, em alguns milhares de segundos. Foi ás 6.36 da manhã do dia 5, que eu comprei um *ticket* de passagem na Estação-Terminus do Campo de Sant' Anna. A's 7.20, com vinte minutos de atrazo brasileiro, deslocou-se o comboio em que vim, do gigantesco pavilhão de ferro, onde elle estava a carregar passageiros, malas, saccos e caixas de generos. Muito povo nos carros. Como era domingo de carnaval, era para verificar como a gente se aborrece no Rio, a ponto de fugir-lhe, mesmo nos dias das suas festas mais animadas e tradicionaes. O trem varou a zona suburbana, aristocraticamente rapido, atravessando, a toda a força, os bairros pobres. Comecei a reparar, desde então, o muito pouco de terra cultivada que ía encontrando,

pelo caminho : um metro de terreno plantado aqui, quatro palmos, mais adiante, dous e meio, leguas depois. Bôa terra brazileira, não sei de que vive a pobre gente, amarella de doenças chronicas e miseria irreparavel, que vegeta ao sol tropical, ao longo das tuas linhas ferreas, por este interior afôra, sem plantações extensas, methodos de cultura aperfeiçoados !

Fiz 366 kilometros, e não vi um arado pelos campos, uma só machina agricola, em movimento ou não. Si vi algumas nesgas de terra cultivada, não lobriguei, pela janellinha do wagão, um só homem de lavoura, no gesto admiravel do sementeiro, que pintou o grande Millet. A natureza parada, o homem inerte. Aqui, a natureza não produz erupções vulcanicas, inundações, desmoronamentos de neve; é uma natureza pacifica, bonacheirona, cheia de seiva, espreguiçada ao sol. O homem, sem bravura para o trabalho, boquiaberto, torpemente bestificado ante a tarefa immensa do povoamento, do plantío, da colheita, da exportação !... A impressão penosa que causam todas essas planicies abandonadas, todos esses morros ferteis, sem agricultores intelligentes, que tragam a essa imensidade inculta um pouco de vida !...

O trem ía, entretanto, com a sua machina gritadora, fabrica inexgotavel de fumaça e estrépito, numa marcha morosa de horario descansado ; mas a fazer barulho como um *train-éclair*. Às vezes, cruzava-se com outro, e era como, no desenrolar de uma trovada, a passagem de dous raios que, em sentido contrario, seguissem linhas parallelas. Normalmente, estrondeava á vontade, em violento chocalhar de ferragens pesadas, numa eterna arruaça de destruição, numa prodigiosa raiva de não estar a triturar alguma coisa sob as suas rodas sobre que arfavam toneladas de ferro, mercadorias e passageiros. Em muitos trechos, pastos, onde bois e vaccas e novillos, rumiavam.

Lembrei-me de Franc-Nohain, desse excellente poeta pariziense, fazedor de versos amórphos, genero de poesia creado directamente por elle, e de que uma das obras primas é o livro das *Canções dos Trems e das Estações*.

Que pensaria da payzagem a locomotiva, que suggestões teria ella a contemplar aquellas vaquinhas com os seus bezerrinhos, pela herva do campo vasto e livre ? ! Franc-Nohain, numa das suas canções, faz uma locomotiva se impressionar vivamente com o espectáculo, e suggestionada a não poder mais com essas instigações á vida simples, ter a idéa bucolicamente genial e adoravel (dous adjectivos fluminenses, e não de Caxambú) de ficar tambem pr'alli, estirada numa sim-

plicidade primitiva, com uma porção de locomotivinhas,

Avec des petites locomotiveau

Vê-se bem que trata o poeta de uma locomotiva franceza. As nossas locomotivas da Central, de fabricação *yankee*, Baldwin ou Brooks, não terão tido nunca, ao que me parece, o pensamento hyper-sentimental (para uma locomotiva norte-americana, está visto) de ficar ociosamente fóra dos trilhos, a apascentar pequenas Baldwins a minusculas Brooks. Outras cousas vi e senti eu, estradas afôra, nos wagões da E. F. C. B., da *Minas e Rio* e da *Sapucahy*. Dorsos de montes, verdes, dum verde doirado, dum doirado de sol forte e claro do Brazil. Valles lindos convidando a uma vida alternada de extremo esforço e de completo repouso. Notei que ninguem lia, nem livros, nem revistas, nem mesmo jornaes, no wagon em que vim. As livrarias da Estação-Central e da Estação da Barra do Pirahy, não téem sinão uns livrécos ignobeis, sem actualidade, sem proveito. Ninguem que viaje nesta terra, tráz um livro comsigo, nem mesmo os que embarcam para fazer trezentos e sessenta e seis kilometros de caminho de ferro. Estes e outros assumptos deviam ser ventilados nas Camaras, não lhes parece ? O sr. Mauricio Barrès, estreou no Parlamento, em França, falando sobre bibliothecas de gares de estradas de ferro. Devia haver um deputado brazileiro que, em discurso utilissimo, zurzisse da sua cadeira, não digo o genero de livros que se vendem nas gares, mas sim a incapacidade material do brazileiro para o trabalho da lavoura, a sua incapacidade intellectual para a leitura, o estudo, a cultura do espirito,

A nossa incapacidade para a agricultura, prova-se com a nossa pequena producção agricola, como verifiquei, durante a viagem.

A nossa incapacidade para a leitura, prova-se com o pequeno consumo que téem livros no Brazil, como verifiquei, tambem, durante a viagem.

A's 6 e 28, com 30 minutos de atrazo brazileiro, cheguei a Caxambú.

Dir-lhes-ei, depois, o que encontrei. Digo-lhes desde já, no emtanto, que no domingo de carnaval, não houve entrudo aqui, (nem bisnagas, nem rewolvers-seringas, nem relógios espirra-perfumes) o que é para admirar, sendo esta uma cidade d'aguas.

JOAQUIM VIANNA.

A LIVRARIA

ROSAS— A. J. ALVES DE FARIAS—TYPOGRAPHIA TEIXEIRA — MARANHÃO.

E' sempre uma cousa irritante e indesculpavel, um livro inçado de falhas

typographicas, e quando ellas chegam á profusão que se descobre no bello volume de versos do sr. Alves de Faria, é desolador, é uma verdadeira tortura para o poeta, quando elle se revela um carinhoso amante da fórma.

A errata do presente volume não evita ao leitor o desgosto de ler, com espanto, entre versos magistraes, alguns positivamente errados e mal soantes, e só a confiança que, logo ás primeiras paginas, adquirimos na sapiencia metrica do distincto poeta do Norte, nos faz crer não se tratar de cincadas suas, sim de desleixo na limpeza das provas do livro, e dahi procurarmos a longa lista de enganos, que figura ao fim do volume, aliás incompleta, pois ainda outros se notam, deploraveis.

E' este um vicio antigo das edições brazileiras, principalmente dos Estados, e nós aproveitamos o momento para exprimir o nosso desprazer pelo máu effeito que causa em geral — a quem conhece os exemplares saídos das officinas europeas, sem um erro, ou, antes, com um leve erro em mil paginas, — essa inqualificavel *gaucherie* das nossas typographias, demonstrando, até nisso, o nosso atrazo industrial.

Entretanto, o arranjo do volume não é máu, dá bôa idéa do que se póde fazer no Maranhão, nesse genero; mas, ainda assim, as *Rosas* do sr. Alves de Farias mereciam uma publicação mais cuidada. Porque ahí se contém muitos versos bons, alguns excellentes.

A poesia *Monologo de um pãe* tem grande emoção, suave ternura e forte apparencia de sinceridade. A *Tartaruga* são versos bem feitos, téem idéa original, e a escolha do rythmo e das rimas revela no poeta bom gosto, sem cair demasiado no bizarro.

Não diremos quaes os que nos desgostaram. Póde ser que o que nos pareceu frio e incolor, ou futil e pretencioso, tenha aos olhos do poeta, e mesmo de algum leitor, qualidades apreciaveis... Não é ruim methodo de critica apontar sómente o que encerra belleza e novidade, deixando sob a punição do silencio as cousas detestaveis que nos passaram ante o olhar...

O sr. Alves de Farias tem amor ás rimas raras, e usa-as com habilidade. Não é descabido, todavia, lembrar, quanta aspereza introduzem no verso, rimas como *fincha* e *pincha*, *furia* e *espuria*, *serpe* e *herpe*, sobretudo quando o motivo é suave e as idéas são tranquilladas e doces.

POENTES D'HYNVERNO—PAULO BRANDÃO
— OURO PRETO

Ouro Preto ! Essa velha cidade colonial tem um encanto raro, que nem a todos commove. A preocupação de buscar em toda a parte o falso conforto e a esthetica barata das cidades

novas, faz muita gente dizer mal da memoravel Villa Rica, por causa das suas ruas tortuosas e ingremes e das suas casas ennegrecidas pelas chuvas, desgostando justamente do que lhe dá uma physionomia unica no Brazil. Não sabem ver a saudade, a poesia que se exála daquellas fachadas seculares, das esquinas com os seus nichos, das pesadas pontes de pedra, das egrejas faustosas, dos quintaes de onde rebentam moitas de roseiras bravas, de cravos e begonias, dos morros alcantilados e estereis, cheios de galerias subterraneas abandonadas, de ruinas de casas nobres, e de onde saíram, para inundar o mundo, milhões de arrôbas de ouro; casas, ruas, estradas, sitios, que nada se modificaram, desde o tempo em que o licenciado Gonzaga namorava, discretamente, dona Maria, e ainda desde os annos de revolta, quando o conde de Assumar fazia arrastar Felipe dos Santos á cauda de duas parelhas, e incendiar as habitações dos mineiros sublevados...

Não perdoaremos ao talentoso sr. Paulo Brandão o viver naquella terra, saturada de poesia legitimamente brasileira, e não nos dar, nas cem paginas do seu livrinho, uma impressão siquer da paysagem ou da tradição daquelle pincaro, rasgado de ribeiros auríferos, onde se casam tanto pittoresco e tanta gloria de uma epocha doirada.

Não lh'o perdoariamos, mesmo se os seus versos fôsse menos banaes, menos influenciados por todos os poetas nacionaes e portuguezes, e se nos déssem alguma impressão de novidade, de pittoresco, de verdadeira intuição da poesia moderna.

Porque, ao envez disso, o sr. Paulo Brandão é pobre de inspiração, pobre de imagens, pobre de rythmos. Possúe, é verdade, um ou outro soneto, como *Sonho Pagão*, que tem certo relevo de fórma e uma idéa brilhante. Mas, Deus meu! com taes qualidades medicres, ha por ahi uma infinidade de ver-sejadores brasileiros.

Para findar, notemos que o livro dos *Poentes d'Hyverno* tem tambem a sua errata...

Deploravel!

L. B.

O ALMIRANTE (22)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIII

Amelia indicava a Oscar o contraste da baroneza e Dolores com a meiga Marianninha, que alli estava, num recanto do salão, com Hortencia e Laura, muito interessadas por um dos meninos, a recitar, graciosamente —

No Lar— os bellos versos de Casemiro de Abreu. E contemplavam os dois a belleza desse grupo, onde se destacava a suave alegria da mãe fecunda, victoriosa na florescencia da próle, daquelle senhora simples, vigorosa e bella, sem a preocupação de o ser, realçadas, numa sobriedade de adornos, as suas purissimas fórmulas perfectas, modeladas nas dobras de um vestido trabalhado pelas suas mãos abençoadas, sem o auxilio da arte mercenaria de alto preço, sem os excessos custosos das officinas da nobreza, fornecedoras da casa Imperial, como indicavam as taboetas hieraldicas auctorizadas por decreto. Marianninha não frequentava os *ateliers* de pomposo renome, onde se encontravam, diariamente, as bellas em vóga, senhoras respeitaveis e mundanas avariadas pela demasiada evidencia, que fana as mulheres como o sol desbota o colorido e suga o perfume ás flôres. Ella não frequentava esses logares dos *rendez-vous* elegantes, onde se misturavam em seductora promiscuidade, a nata e o sôro da sociedade, onde se teciam, entre as confecções de estofos, de rendas preciosas, as télas da chicana feminina, entre dejectos de ciume e de inveja; onde se estimulavam as mães, esposas e filhas em porfias ruinosas pelas victorias do bom gosto; onde, finalmente, se faziam valiosas relações as camaradagens amaveis, e a chronica dos defeitos, das miserias intimas das clientes, em confidencias ás costureiras indiscretas, ás contramestras cavilosas e peritas na arte de vestir e desnudar, pondo em relevo as opulencias que devem ser vistas e escondendo ou corrigindo as sovinarias da natureza.

Quantos romances, quantas comedias surgiam, commovedores ou ridiculos, daquelles covís perfumados, e iam rebentar em desenlaces tragicos nos recêssos dos lares conspurcados.

Amelia, com a immunição dos raros fios de prata que lhe irrompiam, precoces, por entre os cabellos, aventurava considerações austéras sobre os costumes faceis, as leviandades toleradas, que se generalisavam como um contagioso traço de chic das mulheres de alta cotação, como brilhante marca de destaque para a aquisição de logares selectos no convívio social. As senhoras de bem, apesar de formarem, para honra da familia brasileira a grande maioria, não se podiam subtraír a esses defeitos do meio, onde iam germinando os elementos de perversão: evitavam-no, mas não o combatiam, como esposas e mães, para preservarem os filhos, que seriam as victimas dessa tolerancia criminosa.

Oscar sorria dessa severidade puritana e observava a Amelia que em todas as sociedades, principalmente nas mais cultas, esses desvios se re-

produziam com maior intensidade e constituíam o aspecto pittoresco, o escabroso, o accidentado da paysagem das grandes agglomerações humanas, onde os impulsos irresistiveis do movimento atiram os individuos para idéas communs; comprimem-nos em promiscuidades inevitaveis, nos choques de interesses, de aspirações, na lucta pela vida, nas miserias, nas victorias, nos desastres, impossibilitando as selecções criteriosas. Além disso, nesse afan de marchar, de fluctuar no dôrso da onda para não ser tragado por ella, não se pôdem perceber os perigos, nem evitar os deslumbramentos, as fascinações do que se figura o gozo, a alegria de viver, a incontinente avidez de sensações novas, requintadas.

— Imagine — dizia elle — a nossa sociedade cariôca subordinada aos preceitos dessa moral de restricções inexoraveis, de austeridades estiolantes, como a regra de um claustro, recatando em densos véos pundonorosos as suas perfeições como defeitos, que se escondem; imagine essa aglomeração, preocupada com a virtude e o peccado, sitiada pela obsessão das normas puritanas, e teriamos um povo de tristes, estagnado na monotonia da vida patriarchal, na immobilidade da innocencia tímida. Isso é incompativel com a densidade da população, absorvendo o individuo, annullando-o nos grandes conjunctos desfórmes, compostos de coisas deseguaes contradictorias, bellas e repulsivas e, todavia, harmonisadas pelos sabios processos da natureza. E as convenções imperiosas, dominadoras, vão nivelando as desigualdades, preenchendo lacunas, amenisando o que é áspero, attenuando as monstruosidades e gerando essa tolerancia, que você reputa criminosa, para as fraquezas, para os vícios, para os desvios daquelles que não pôdem ser perfectos. Eu sou um tolerante, sou um caridoso por temperamento e, talvez, por egoismo, para me poupar o trabalho de corrigir o incorrigivel e viver na serenidade da submissão á fatalidade dos factos. E, por isso, estou aparelhado para todos os desastres, todos os accidentes da vida.

— Mas-- tornou Amelia, envolvendo-o num olhar de censura—nem todos se formam como você, Oscar, na aprendizagem do perigo, do inconstante, do inesperado da profissão de homem do mar. Nós, mulheres, vivemos na tranquillidade do lar, educadas na preocupação de evitar tudo o que nos possa prejudicar, de fugir ás seducções dos exemplos contagiosos, ás tentações fascinadoras, e, por isso, somos timidas; não temos meios e, ás vezes, coragem para nos defendermos.

— Porque não conhece o inimigo, nem as suas armas, nem os seus processos insidiosos. O excessivo recato

da nossa educação primitiva, patriarchal, pouca as faculdades da mulher, enfraquece-as para a funcção na vida moderna, onde se lhe ampliaram as árias de actividade, descortinando-lhe novos horisontes. E a prova disso é que você tem instrucção, que seria perigosa cincoenta annos atrás, auferida da observação. dos contactos inevitaveis com a gente que está fóra das suas normas rígidas e muito louvaveis, mas muito subjectivas, sem applicação á vida como ella é, e será, apesar dos freios da moral e da religião, os quaes, por sua vez, se vão amenisando á pressão das circumstancias, das exigencias do meio, em todas as relações sociaes, constantemente modificadas pela renovação infinita dos seus elementos essenciaes.

E como Amelia meneiasse a cabeça num gesto de duvida, Oscar continuou:

— Eu não pretendo persuadil-a, Amelia, dessas verdades evidentes; respeito os seus escrupulos e admiro a energia com que defende as suas opiniões; mas tudo, neste mundo, está organizado contra as indicações da natureza, em nome dos aperfeiçoamentos do progresso, das conquistas da sciencia e das variadas influencias, permanentes ou accidentaes, que actuam sobre a humanidade, impondo-lhe movimento, marcha, e lhe modificando os costumes e os destinos, sob condições, puramente, convencionaes. Por isso, não praticamos aquillo que queremos, mas aquillo que devemos, num regimen de preceitos, que se não inspiraram nos nossos instinctos, nas nossas tendencias de temperamento, nas exigencias do nosso organismo, das nossas aspirações. O individuo se escravisa á sociedade em que vive, com funcção insignificante no mecanismo da collectividade, de que elle é uma mollecula inapreciavel, cuja atrophia, cujo desaparecimento não o perturba. Citou, ha pouco, esse melindroso caso do recáto feminino, muito expressivo para revelar a força das convenções. Você, por exemplo, não seria capaz de usar, habitualmente, em casa, entre os seus, mesmo no recésso purissimo do seu quarto, um vestido decotado; entretanto, não hesita em expôr, num theatro, num salão, resplandecentes de luz, apinhados de pessoas estranhas, o seu cóllo virginal.

— Porque é o estylo; é a moda.

— E o estylo, a moda são convenções pelas quaes você seria fulminada, como senhora bisonha de máu gosto, se se apresentasse com um corpinho afogado até ao pescoço. Uma senhora considerar-se-ia profanada, insultada, se um cavalheiro lhe enlaçasse a cintura, num passeio, numa conversação affectuosa; não ha, porém, mal algum em se entregar aos braços de um homem, ás vezes conhecido ha instantes, e girar com elle, juntinhos, numa valsa volu-

ptuosa. E' que o pudor não passa de um esmalte encantador, imposto pela convenção á innocencia da mulher primitiva. O traje foi um castigo á desobediencia de Eva.

Nesse momento, a baroneza de Freicho, que bebia de longe as palavras de Oscar, manifestou evidente inquietação, torceu-se na poltrona como se a pungisse dôr recondita; seu rosto de bonéca se deformou nuns traços de angustia e seus olhos, brandamente languidos, se abriram numa dilatação de terror. Ella agarrou-se a Dolores e lhe deixou cair no hombro a cabeça desfallecida, ao passo que nos labios, rubros de carmin, lhe expirava um gemido lancinante.

E como os circumstantes se acercassem assustados, Dolores, com um sorriso, os tranquillizou.

— Não é nada—disse ella, agitando um léque de plumas, deante do rosto da baroneza— Isto passa. Ella deu, agóra, para esses faniquitos.

— Que é isto, Yáyá? !—exclamou o barão, entrando, violentamente, no salão, e, approximando-se da esposa— Que foi?

— Não vê?—respondeu-lhe Dolores— uma das taes vertigens. Olhe, barão, suspirou, está abrindo os olhos; volta-lhe o calor. . . Que fracalhona! . . .

E a baroneza, erguendo, devagar, o delgado busto, envolveu Oscar num languido olhar supplice.

— E' esse maldito espartilho—proseguiu o barão, mal restaurado do susto e banhado em suor— Safa! que não ganho para os sustos que esta querida mulhersinha me prega por dá-cá-aquella-palha! . . . Tenho-lhe dito um rôr de vezes, já estou cansado de martellar, que esse espartilho tira-lhe dias de vida; mas, esta creatura teima em apertal-o... até lhe cortar as cadeiras...

— Que foi—indagou d. Eugenia, que tambem fôra, como a marquezeta de Uberaba, attraída pela vóz dolente do barão.— Venha commigo, baroneza; venha repousar. . .

— Oh!—tornou o barão— Eu sei que tudo isso é utero. mas não me posso habituar com esse chiliques.

As moças se retraíram confusas. Amelia mediu a gorda estatura do barão, com um olhar cheio de repugnancia. Marianninha sorria de compaixão, ajudando Dolores e d. Eugenia a conduzirem a baroneza á camara proxima.

— Isso começou por umas dôres aqui no utero, lá nella—explicou o barão, dirigindo-se a Oscar e indicando, com a colossal mão de creança, o baixo ventre— Depois, foi augmentando, augmentando, até prival-a quasi de andar. Dias ha em que não se pôde mexer, sem gemidos que cortam o coração. Em vão, lhe indico medicos, os melhores doutores da Côte: os meus conselhos entram-lhe por um ouvido e saem-lhe pelo outro. Ella lá tem seu

medico, seus remedios, suas manhas... E ahi está, meu caro senhor, a minha vida, o inferno em que vivo, com uma mulher doente ás costas, cheia de arrelias, de queixumes, de suspiros... a falar em morrer, sempre fatigada de visitas, de festas, que sei eu... voltando para casa escangalhada, moída. indifferente. Eu já não posso com o raio desse esterismo. . . Ah, meu caro, o casamento é uma loteria. A gente se deixa levar pelas apparencias e quando pensa que se benze, quebra o nariz. . . Entretanto, se não fôra essa maldita molestia! . . . Só eu e Deus sabemos o pedaço de mulhersinha, que allí está...

Oscar fez ao barão um silencioso cumprimento, e observou-lhe:

— Porque não tenta uma diversão deste centro fatigante para as senhoras elegantes, uma fugida para o campo, para uma das nossas pittorescas praias? O clima marinho, o isolamento e o repouso são os melhores calmantes para os organismos demasiado vibranteis.

(Continúa).

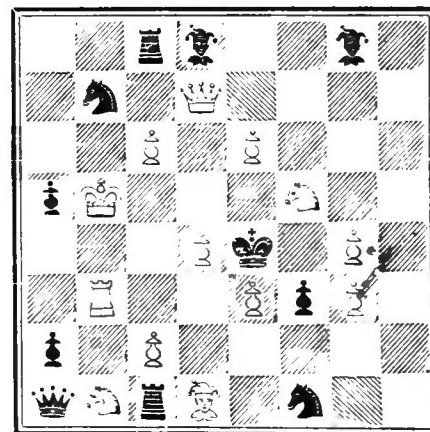
BAGAGEM INÉDITA

Foi um dos melhores refôrços do elogio funebre do poeta Raul Braga, a piedosa historia de que o infeliz deixou cêrca de quinze volumes inéditos, todos, mais ou menos, de romances. Coube á *Noticia*, o nosso grave e calmo confrade da tarde, esse espantoso record de sensação. Agóra que passou o *bohemio* e fica, como quer que seja, scintillando a memoria de um tão fino e tão prodigo artista, resta não furtar á litteratura da lingua portugueza, esse precioso e ignorado mantimento. Por isso, não deixa de ter explicação a noticia de que o *Circulo dos Reporters* váe-se commetter a tarefa, indiscutivelmente gloriosa, de publicar o segredo espiritual de quem espalhou tanto talento por esse mundo de jornalistas. . .

DIVERSÕES

Problema n. 19

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em dois movimentos.

SALVE RAINHA !

Salve, Rainha ! Mãe de Misericórdia !
 Plena de Paz, de Amor e de Concordia !
 Salve, Rainha ! Mystica doçura !
 Esperança de toda creatura !
 Salve, Rainha, dentre as mais Rainhas !
 Açucena florindo dentre as vinhas.
 A Vós bradamos, desta horrivel tréva,
 Nós, os degradados filhos de Eva !
 Nós, os filhos da Eva, os degradados
 Pela noite maldita dos peccados.
 Nós, os filhos do desgraçado Tédio,
 Desse veneno que não tem remedio.
 Nós, os tentados pelos Satanazes
 Que de todos os crimes são capazes.
 A Vós, Rainha, afflictos suspiramos,
 Suspiramos, gememos e choramos.
 Choramos todos nesse escuro valle,
 Que outro não ha que pelo Espaço o eguale.
 Neste valle de lagrimas soturnas
 Como si rebentasse de atras furnas...
 Neste valle de lagrimas tão cruas
 Como si viéssem de sinistras luas...
 Eia, pois, ó Rainha Advogada
 Da nossa vida lôbrega, isolada...
 Os vossos olhos misericordiosos
 Que se abram sobre os nossos, lagrimosos.
 A nós volvei os vossos meigos olhos :
 Claros pharóes nos miseros escolhos.
 A nós volvei taes fontes de piedade,
 Taes fontes de doçura e claridade,
 A nós volvei taes vasos crystallinos,
 De aromas exquisitos e divinos.
 E depois nos mostrae, neste desterro
 De tão longos desertos feitos de erro ;
 E nos mostrae, depois de tudo isto,
 Ao vosso amado Filho, Jesus Christo.
 A esse do vosso ventre excelso Fructo
 Meigo, casto, suavissimo, impolluto.
 A esse que o vosso seio em lyrios trouxe,
 O' clemente ! ó piedosa ! ó sempre doce !
 Sempre doce e idéal Virgem Maria,
 Origem da sagrada luz do dia.

Rogae por nós, ó Santa Mãe de Deus !
 Rogae a esse que governa os Céos !
 Rogae para que todos nós sejamos,
 Amparados nos braços que almejamos
 E para que alcancemos os louvores
 E as promessas ás nossas grandes dôres.
 Rogae por nós, Estrella de aureo Bem,
 Rogae por nós, por todo o sempre. Amen.

ARAUJO FIGUEIREDO

ALMA CRENTE

Ferva a hedionda Babel que a teus pés se esborôa,
 Alma ! resurgirás do pelago infinito ;
 Si sempre para o céu é que a esperança vôa,
 Si é sempre para Deus teu derradeiro grito.

Triumpharás, emfim, na fé que te agrilhôa,
 Clame, embóra, e esbraveje, em seu furor maldito,
 A turba ignara e vil que anda ladrando á tôa,
 Contra céos, contra Deus, pregando extranho rito.

Reine e cresça a sisania, o interminavel cahos
 Dos que não querem ver, continuarás de pé,
 Illuminando os bons e confundindo os máus,

E, ao Diluvio final, como outr'óra Noé,
 Verás tua Arca santa, ao sossobrar das náus
 Fluctuando á mercê para o Ararat da fé.

Ceará, 1905.

SOARES BULCÃO

DANTE

A EURICO CRUZ

Dante ! Extranho pharol no mar da Dôr humana !
 Nobre Archanjo revél de azas de Luz e Tréva...
 Como te sei amar quando teu genio eleva,
 Sobre abysmos e céos, minh'alma soberana !...

És o fecundo sol que me ampara e me enleva,
 Alteando-me o valor na lucta mais insana...
 Ao sereno clarão que de teu seio emana
 Nem sinto a poeira vil onde o Odio a fome céva...

Não sei como galgar, de terceto em terceto,
 A Chamma, o Assombro, o Orgulho, o Amor, o Mal secreto
 De teu Poema a vencer no arrojo o Oceano eterno...

Ler-te é mais que tentar uma escalada aos Astros...
 Mais que ver, do Infinito, o Universo, de rastros,
 Nos circulos fataes do tenebroso Inferno !...

1905
 (Das *Aguias Negras*)

A. S. DE CASTRO MENEZES

CLASSIFICAÇÃO DAS SCIENCIAS

LIBERATO BITTENCOURT—COM UM PREFACIO DE SILVIO ROMÉRO—RIO, 1904.

Tenho já, ha muitos dias, em meu poder este opusculo de que prometti fallar, e agóra me encontro quasi sem a coragem de cumprir a promessa; — porque era intenção minha fazel-o de modo que correspondesse, integralmente, á sympathia e admiração que tenho pelo auctor. Entretanto, a *Classificação das sciencias* deixou-me aquem da esperança com que iniciei a leitura.

O livro é bem escripto, em linguagem simples, clara e não raro elegante. As reflexões e affirmativas que ahi se deparam são (tomadas em particular) razoaveis, discretas e até algumas vezes, excellentes.

A composição nas suas particularidades é verdadeira; no seu conjuncto, porém, é falsa; evidentemente porque o conjuncto não representa aqui a somma das particularidades. Donde vem, pois, esta antinomia? Attribuil-a-ei ao livro ou ao leitor?

Expliquemos-nos.

A *Classificação das sciencias* não é simplesmente uma distribuição das sciencias, sob qualquer criterio que se queira adoptar. E' certo e é trivial cousa saber que podemos distribuil-as adoptando *qualquer* base para um systema de distribuição.

Assim o faz o bibliothecario quando organiza os seus catalogos ou o mesmo livreiro quando lhe apraz dispôr os livros do seu estabelecimento; mas nestes dous casos citados, como em outros congeneres, deixa a *Classificação* de ser um problema philosophico e é meramente uma questão pratica sem importancia e sem interesse algum, fóra daquellas restrictas applicações que no momento a determinaram.

Por isso mesmo, toda a *Classificação de sciencias* que não responde aos reclamos da philosophia, é, permitta-se-me dizer, pouco menos que um exercicio logico ou uma futilidade.

Ora, ninguem de bôa fé, e muito menos eu, poderia negar ao auctor o conhecimento da questão philosophica em geral e das idéas preliminares, que preside a taes trabalhos.

Basta ler o que elle proprio escreve á pag. 16. «O espirito humano, essencialmente coordenador e philosophico, resolveu a difficuldade (da multiplicidade dos phenomenos) grupando mais ou menos consideravelmente todos aquelles que guardam entre si inteira semelhança, indo então cada um de taes grupos constituir uma sciencia á parte. De modo que só por facilidade de aprendizagem, simplesmente por uma questão de methodo, a sciencia que é unica, vê o seu campo dividido em um

grupo mais ou menos numeroso de diferentes ramos de conhecimentos, a que se tem dado e se póde continuar a dar o nome de sciencia.

Todo este trecho é um desmentido ao essencial do livro, é uma refutação cabal ao opusculo e por isso foi que eu disse que só um critico de má fé poderia mesquinhamente negar ao auctor a intelligencia completa do assumpto que escolheu.

O defeito do livro está num só equivoco fundamental. O auctor classifica, em vez de sciencias, as materias de estudo usual da *engenharia, medicina, arte militar, etc.*, as quaes só correspondem *mais ou menos* e sempre imperfeitamente ás verdadeiras sciencias.

Não ha classificação possivel e imaginavel que possa tomar como unidades a *hydraulica, navegação, machinas, balistica, therapeutica, hygiene* e quejandas...; a unica cousa que neste assumpto uma classificação poderia fazer, era partir em mil fragmentos esses compostos argamaçados pela commodidade pratica e professional. Tomar, pois, essa heterogenea desordem da pratica como estados essenciaes e formar e assentar uma classificação nestes compostos hybridos e incongruentes, será dar largas á fantasia, mas não é responder á questão philosophica fundamental, que consiste, como bem diz o auctor, em mostrar que ha uma unidade integral do saber humano. Não é, pois, regra que se formem as syntheses por meio de compostos que de si já são outras syntheses e, nesta especie, syntheses imperfeitas, antinomicas e disparatadas.

Acredito, pois, que, sem embargo de conhecer a importancia philosophica do problema da classificação das sciencias, Liberato Bittencourt apenas quiz responder a essa questão: — *qual é a melhor classificação das sciencias que se hoje estudam nas escolas e nos limites em que ellas se estudam?*

Acredito que respondeu bem e deu uns ares de discussão philosophica ou scientifica a uma questão de terceira ou quarta ordem, que não merecia tanto aparelho especulativo.

Tambem o auctor estende além de limites razoaveis a liberdade do neologismo. Assim, por exemplo, a *Geographia* deixa de ser o que sabemos que ella é e passa a ser e incluir a topographia, geologia, navegação e biologia (!!), etc. E' evidente que á *geographia* deu o auctor, o sentido de uma grande classe de sciencias referentes aos phenomenos terrestres: aqui caberia formar um novo nome e não utilizar o antigo que tem sua definição propria.

Dividindo as sciencias praticas em dous grandes ramos—o da *Geographia* (a terra) e a *Sociologia* (o homem)—; o auctor, entretanto, colloca no primeiro a *politica, a nacionologia*, (sic) que só caberiam no segundo.

Esta mesma *nacionologia* não pude alcançar o que significa; o auctor declara, aliás sem a intenção de definir, (pag. 59) que lhe compete «a formação dos diferentes Estados, sua importancia, riqueza, commercio, industria, desenvolvimento etc.. tudo emfim que lhe affecte a existencia, o desenvolvimento e progredir.» Não é claro, quando se attende a que o mesmo auctor admite como sciencias diferentes desta e até de outra classe: a historia, o direito, a economia politica. Nem se trata aqui da *ethnologia*, cousa diferente no conceito do mesmo auctor. Assim, pois, temos um grave neologismo que indica uma sciencia nova, a *nacionologia*, que ninguem percebe o que é.

A mesma definição, que transcrevi um pouco acima, é de si mesma um deploravel equivoco, porque confunde *nação e Estado* e define um pelo outro. Será preciso ainda insistir nisto e dizer, por exemplo, que a Austria é um Estado, mas não é uma nação? que a Allemanha e a Italia só recentemente são Estados, isto é, organização politica, mas nunca deixaram de ser nações? que na Suissa não ha nação e ha um Estado?

O conceito de nação nada tem que ver com «o commercio, riqueza, industria, etc.»

Na formação de *neologismos*, observarei ainda que não tem lugar essa facilidade com que o auctor transfere de umas sciencias para outras palavras de definição e uso consagrado, como já notei a respeito da *Geographia*. O auctor chama ainda *phonologia* (nome consagrado na linguistica) ao estudo geral do som, na physica e ao que supponho—tambem é seu o termo *photologia* (estudo da luz); são innovações que não me parecem bôas, accrescendo que para a *phonologia* do auctor já ha *acustica*, termo latino sempre preferivel ao grego e, ao demais, muito conhecido, e ha *Optica* para a *Photologia*.

Apezar disto, as reflexões do auctor a proposito das diferentes sciencias, ainda quando contestaveis, são sempre interessantes ou suggestivas. O capitulo mais fraco (e é realmente muito fraco) é o da *Sociologia*. O auctor tem do *direito*, por exemplo, a concepção *aprioristica* dos antigos, e delle diz que «é o supremo regulador dos actos do homem»; e é identico conceito que attribúe á *economia politica* «suprema reguladora da vida politica»; temos pois, sciencias, (se o são) regulando actos e factos e phenomenos. Repete-se aqui o eterno equivoco de tomar-se como *sciencias* nessas applicações, imperfeitas e sempre variaveis, e é por esse motivo que o auctor envolve na sua classificação tanta cousa instavel como a *hygiene, therapeutica e estabilidade das construcções!*

O capitulo mais solido e, sem duvida, superior a todos, é o da *Sciencia mathematica* (pag. 35 *et sequi*); faço, todavia, uma restricção quanto ao vezo do auctor de incluir as *applicações* como subdivisões das sciencias respectivas; se a *resistencia dos materiaes e estabilidade* figuram ahi na *mechanica*, não sei porque razão o auctor, por exemplo, não incluiu a *escripturação mercantil* no calculo dos valores ou arithmetica.

Aqui termino esta rapida apreciação do interessante opusculo de Liberato Bittencourt.

O dr. Sylvio Roméro, que escreveu um elogioso e bello prologo para este livro, diz, ao concluir, a respeito da classificação das sciencias, que «o ponto de vista do auctor é perfeitamente dispensavel para todo o espirito que lhe apprehenda o verdadeiro e especial sentido.»

Estou, pois, inclinado a crer que ha insufficiencia da minha parte; e digo-o de boa fé; não tenho pelos estudos philosophicos maior interesse que o commum ao simples homem de letras, sempre aterrorizado com o estigma de *incompetente*, que é sempre a primeira palavra e o primeiro argumento dos scientistas, sempre muito vaidosos da sciencia que sabem ou que não sabem.

Este caso, porém, é muito differente; ha entre mim e o auctor um fluido de sympathia e admiração que não posso esconder. Estou acostumado a notar em Liberato Bittencourt as suas excellentes qualidades de escriptor e jornalista, o seu estylo, facil, suave, que o torna lido e apreciado.

Seria, porém, cousa indigna de mim substituir a minha impressão sincera, erronea ou exacta, por uma louvaminha inutil e palavrosa, que aliás não aproveitaria ao auctor, que já goza merecidamente de justa reputação litteraria.

J. RIBEIRO

Projecto de Reforma Monetária no Brazil

O verdadeiro papel de um banco emissor

Pela fiscalisação effectiva, exercida sobre as operações, sobre o banco emissor, o governo deverá velar pelo fiel cumprimento das condições seguintes:

1º — Que a circulação fiduciaria, qualquer que seja o seu volume, augmentada com as contas correntes credoras, depositos embolsaveis á vista, tenham sempre, como lastro, um valor, pelo menos, equivalente em especie, letras, valores de commercio, let-

tras de cambio, adeantamentos sobre valores moveis cuidadosamente escolhidos, todos a prazo não excedente a noventa dias;

2º — Que no lastro do valor da circulação, a moeda ouro em caixa seja, pelo menos, igual ao terço da circulação calculada ao par;

3º — Que a parte disponivel do capital do banco, depois das despesas de installação, e suas reservas sejam, convertidas em valores internacionaes de primeira ordem, podendo ser facilmente realisadas em ouro á primeira necessidade;

4º — Que o total da circulação fiduciaria não possa, jámais, exceder ao limite, fixado por lei, salvo auctorisação do poder executivo;

5º — Que o banco não se empenhe em obrigações importantes excedentes ás attribuições estabelecidas nos estatutos, e evite tomar á sua conta ou commanditar empresas industriaes, commerciaes ou agricolas.

Este paragrapho 5º merece algumas explicações complementares.

* * *

Imagina-se, ás vezes, que um banco emissor pôde ser instrumento do credito universal, que além de sua função de regulador da circulação monetaria nacional, deve ser, ao mesmo tempo, banco de desconto, hypothecario e agricola, o que importa em grave erro, salvo quanto ás operações de desconto de valores bancarios a curto prazo e adeantamento sobre valores moveis, que constituem uma fórmula do desconto: as demais operações são, radicalmente, contrarias aos principios fundamentaes garantidores da boa função de um banco emissor, que não tem, sómente, a responsabilidade do capital social e dos interesses particulares, que representa como sociedade anonyma: tem, ainda, e sobretudo, a responsabilidade de sua circulação fiduciaria, o principal instrumento de tróca do commercio interior, a pedra angular do seu cambio exterior, da riqueza e do credito publicos.

Si o banco emissor ficar strictamente dentro de sua função monetaria, si não emittir notas sinão sobre lastros de especies metallicas, como faz, por exemplo, o thezouro dos Estados Unidos com os seus certificados ouro, assegurará, evidentemente, á sua circulação uma garantia perfeita, mas não realisará lucros; prestará, apenas, aos grandes interesses do paiz, serviços muito relativos.

Ajuntando, porém, á sua função de banco emissor, a do desconto, proporcionaria, directamente, ao commercio nacional, facilidades de credito relativas ás sommas que pudesse utilizar nas operações particulares dessa fórmula

de negocio bancario. Mas, para evitar que essas operações possam tornar-se um receio, um pretexto de depreciação do valor da circulação fiduciaria, é, absolutamente, indispensavel que sejam o menos aleatorias possivel, e, em todo o caso, liquidaveis a curto prazo.

Os accionistas do banco ganharão menos, mas o paiz inteiro lucrará com isso, porque dahi provirá para o credito publico, base de incomparavel solidéz.

Não é necessario que as attribuições do banco sejam divididas em duas repartições distinctas, como acontece no Banco da Inglaterra. Nos casos ordinarios, o systema inglez nenhum inconveniente apresenta; mas, desde a situação do mercado monetario se apertar um pouco, a sua applicação tornar-se-á complicada e, muita vez, ameaçadora para o commercio indigena, porque a carteira de emissão reduzirá, violentamente, as facultades de credito da carteira das operações bancarias.

O systema do Banco de França, vigorando em todos os bancos emissores da Europa continental, parece preferivel, porque, sendo mais simples e muito mais elastico que o systema inglez, presta-se melhor, e sem perigo, ás exigencias da situação local.

Isto se redúz a uma questão de medida e observação das prescripções dos estatutos.

* * *

A alta missão do banco emissor, fundado no interesse geral, o incompatibilisa com as operações dos bancos hypothecarios e agricolas, as quaes são, por sua natureza, a longo prazo e aleatorias, em outros termos, baseados sobre principios essencialmente contrarios aos fundamentos da emissão fiduciaria.

Não se diga, por isso, que o banco emissor deva desprezar os interesses do credito territorial e agricola: poderá, ao contrario, facilitar a criação de estabelecimentos dessa ordem, prestando-lhes o seu apoio moral e offerecendo-lhes seus *guichets* para a constituição do capital social, para a emissão das obrigações, dando-lhes, emfim, todas as facilidades para operações dentro do quadro de actividade do banco. Deve, porém, abster-se da gestão social ou de assumir qualquer responsabilidade directa ou indirecta.

O novo banco emissor brasileiro, em resumo, deve conservar-se banco de emissão fiduciaria na verdadeira accepção da palavra: é esta a condição essencial para prestar a todos os Estados da União, os serviços de ordem publica, aos ques não se pôde nem se deve escusar.

PROJECTO DE LEI
para estabelecimento do padrão ouro
no Brazil

Art. 1.º — A unidade monetária brasileira será o mil réis de ouro, contendo 0 gr. 3661 de metal fino.

Esta lei não terá effeito retroactivo no que concernir ás obrigações interiores e exteriores da União e dos Estados, assim como os contractos particulares celebrados sobre bases de moeda em ouro, os quaes continuarão em pleno vigor apezar do novo valor em ouro dado á unidade monetária brasileira.

Art. 2.º — Serão cunhadas moedas em ouro de 20 mil réis, denominadas libras brasileiras e moedas de 10 mil réis, com o pezo de 7 gr. 322 e 3 gr. 661 de metal fino.

Art. 3.º — As moedas de 20 e 10 mil réis serão cunhadas ao titulo de 900 mos de metal fino e terão o pezo legal de 8 gr. 135 a moeda de 20 milréis e 4 gr. 068 a de 10 mil réis, comprehendendo ambas um decimo de liga.

Art. 4.º — A cunhagem de moedas de ouro de 20 e 10 mil réis é livre e illimitada, em todo o territorio do Brazil, tendo o governo da União o direito exclusivo de fabrical-as, assim como as moedas de prata mencionadas no art. 7.º e seguintes.

Art. 5.º — O governo da União poderá delegar o seu direito exclusivo de fabricar moedas brasileiras ao banco emissor que fôr, ulteriormente, creado; ficando essa delegação, sob a fiscalisação directa do governo, nas condições de custo de cunhagem e nos prazos de entrega das moedas, impostos pelo regulamento respectivo.

Art. 6.º — As moedas de ouro, cunhadas de accôrdo com as disposições dos arts. 2.º e 3.º, terão poder liberatorio illimitado em todo o territorio da União.

Art. 7.º — Serão cunhadas, por conta exclusiva da União, moedas de prata, chamadas fraccionarias, que serão postas em circulação para substituirem as pequenas notas de papel-moeda de 5.000, 2.000, 1.000 e 500 réis.

Art. 8.º — O pezo e o titulo dessas moedas serão conforme o quadro seguinte:

Designação	Pezo legal	Titulo	Pezo de metal fino
5.000 rs.	25 gr. 00	900 mos.	22 gr. 50
2.000	10 " 00		9 " 00
1.000	5 " 00		4 " 50
500	2 " 50		2 " 25

Art. 9.º — As moedas de prata, sen-

do simples moedas fraccionarias, só terão poder liberatorio no territorio da União até 40.000 réis. Nos pagamentos superiores a essa quantia, só serão recebidos a titulo de fracção.

Art. 10.º — A cunhagem das moedas de prata effectuada pelo governo da União, terá um pezo total de 365.400 kilogrammas de metal fino que deverão produzir:

12.000	moedas de	500	réis
18.000	«	«	1.000 «
12.000	«	«	2.000 «
6.640	«	«	5.000 «

representando o pezo total de 406.000 kilogrammas, ao titulo de 900 mos e um valor nominal de 81.200.000 réis.

Os meios e modos financeiros desta operação serão submettidos á approvação do poder executivo, no prazo maximo de trez mezes.

Art. 11.º — A tróca das pequenas notas de papel-moeda, actualmente em circulação, pelas novas moedas de prata, se fará na proporção do fabrico das mesmas moedas, por intermedio do banco emissor, sem despeza para o publico e sobre a base de equivalencia nominal.

Art. 12.º — Uma lei determinará a data em que as pequenas notas não trocadas, assim como as antigas moedas de ouro e de prata brasileiras, cessarão de ter curso no territorio da União.

Art. 13.º — As penas contra os moedeiros falsos e contrafactores de moedas serão as estabelecidas nas leis em vigor.

Art. 14.º — Revogam-se as disposições em contrario.

* * *

PROJECTO DE LEI

para a instituição de um banco emissor

Art. 1.º — Fica instituido um banco de emissão e desconto, sob a denominação de Banco do Brazil.

Art. 2.º — Esse banco terá a séde social na capital da Republica, no Rio de Janeiro.

Art. 3.º — O banco poderá estabelecer succursaes nas capitaes dos Estados da União e nos principaes centros commerciaes da Republica e do estrangeiro, as succursaes ou agencias que julgar convenientes aos seus interesses.

Art. 4.º — A duração da Sociedade, organisadora do banco, será de 60 annos, a contar do dia da assignatura do decreto definitivo.

Art. 5.º — O capital social será fixado, presentemente, em 100.000 contos

de réis, dividido em duas séries de 250.000 acções de 200.000 réis cada uma, sobrescriptas e pagas em numerario ouro á medida das necessidades do banco.

Esse capital poderá ser augmentado até 200.000 contos, por decisões successivas da assembléa geral dos accionistas.

Além do capital social, poderão ser creadas quotas de fundadores, cujo numero e condições de remuneração e pagamento, serão fixados nos estatutos.

Art. 6.º — As operações da sociedade terão por objecto unico, operações de banco relativas ao Brazil, consistindo em:

a — Emitter notas ao portador e á vista;

b — Operações bancarias ordinarias, desconto e cambio;

c — A se encarregar das operações da thezouraria geral.

Art. 7.º — O banco terá o privilegio, em todo o territorio da União, de emitter notas ao portador, pagaveis á vista em moeda de ouro brasileiro.

Essas notas terão curso legal em todo o territorio da União, e serão recebidas em pagamento nas caixas publicas dos Estados.

Até nova ordem, o banco fica dispensado da obrigação de reembolsar suas notas em especie.

As notas do Estado, actualmente em circulação, serão trocadas no prazo maximo de dois annos por bilhetes do Banco do Brazil, salvo os de 500, 1.000, 2.000 e 5.000 réis, que serão substituidas, na circulação, por moedas de prata do valor nominal.

A circulação das novas notas fica limitada á somma existente, actualmente, deducção feita das pequenas notas substituidas por moeda de prata.

a — As notas serão de 10, 20, 50, 100, 500, 1.000 mil réis: sua fórmula, modo de emissão, quantidade de cada cathegoria serão estabelecidas por um accôrdo entre o ministro da fazenda e o banco;

b — O augmento da circulação de notas, além do algarismo inicial, deverá ser approved por uma lei especial. A somma das notas em circulação não poderá exceder, em caso algum, ao triplo do encaixe metallico em ouro;

c — As notas do banco não poderão ser emittidas sem a firma do director e do commissario do governo federal.

Durante a duração da Sociedade, a União não poderá emitter nenhuma especie de papel-moeda. Constituindo a emissão fiduriaria um serviço de ordem federal, nenhum dos Estados poderá emitter papel-moeda, nem conceder a quem quer que seja a faculdade de emitter notas de banco á vista.

d—O encaixe, tanto em ouro quanto em títulos, constitúe a garantia especial dos portadores das notas do banco e, no caso de liquidação deste, o dito encaixe servirá, exclusivamente, para o pagamento das notas ao par.

Haverá uma contabilidade especial para todas as operações de emissão ou retirada de notas do banco.

Art. 8º—As operações ordinarias do banco consistirão :

a — Emittir, negociar, comprar e vender letras de cambio, letras e outros effeitos pagaveis no Brazil e no estrangeiro, cujo prazo não exceda de 90 dias;

b—Descontar effeitos e saques pagaveis no Brazil em prazo não excedente a 90 dias, tendo por fim operações commerciaes ;

c—A fazer adeantamentos por fundos publicos ao prazo de 90 dias, podendo ser renovado ;

d—A fazer o commercio de ouro e prata ;

e—A receber sommas em deposito ou em conta corrente com ou sem juro;

f—A abrir os seus *guichets* a todos os emprestimos, emissões e subscrições publicas ;

g—A fazer, em geral, todas as operações ordinarias de um banco de deposito, de emprestimos, de desconto, de cambio e todas as outras a ellas referentes.

Art. 9º—O banco se obriga a fazer o serviço de thezouraria geral do governo federal em todas as localidades onde tiver succursaes ou agencias, em condições que fôrem estipuladas. Será encarregado do serviço da divida ordinaria, da caixa de depositos e consignações, das caixas economicas, montes de soccorro, caixa de amortisação, depositos judicarios, cauções, etc.

Os depositos por conta dessas caixa, serão recebidos e embolsaveis no Rio de Janeiro e em todas as agencias. O emprego provisorio do activo daquella caixa e dos fundos disponiveis do thezouro, assim como os pagamentos, se farão aos cuidados do banco, que terá, para essas operações, contas e carteiras distinctas das suas.

O serviço geral será objecto de um regulamento organizado entre o ministro e o banco.

Art. 10º — O banco fica isento de todos os impostos, taxas, direitos de registro, de sello fixo ou proporcional, de hypotheca, de cessão, de transferencia, de venda, etc., sobre todas as operações, assim como sobre os seus títulos, acções e quotas de fundadores, coupons de juro e dividendo.

Art. 11º—Os Estados Unidos do Brazil, legalmente collocados no regimen do padrão ouro, o banco será o unico encarregado da execução da reforma monetaria e, si fôr convencionado, de cunhar as novas moedas de ouro e de prata, de commum accôrdo com o ministro da Fazenda.

Art. 12º — Para facilitar os movimentos de fundos, o banco poderá emittir ordens de pagamento ou de credito á vista ou a 7 dias de vista, bilhete á ordem, ou chéques visados e pagaveis por elle.

Art. 13º—O banco, como pessoa civil, gosará de todos os direitos dos cidadãos brasileiros. Poderá, portanto, contractar, adquerir e possuir immoveis para as suas necessidades, tomar inscrições hypothecarias, exercer todas as acções judicarias, defender e, geralmente, gozar de todos os direitos concedidos pelas leis aos cidadãos da Republica.

São revogadas em favor do bancos arts. . . do Codigo, e o banco terá o direito, na terminação do prazo do adeantamento e sem retardamento, ou recurso á justiça, de dispôr da garantia afim de se cobrir de preferencia com o principal, juros e despezas.

Art. 14º—O banco será dirigido por um conselho de administração composto de doze membros titulares inclusive o director e de seis suplentes, e por uma commissão da Europa, tendo a sua séde em Pariz ou Londres, composto de dez membros.

Art. 15º—O conselho de administração designará o director, cuja nomeação deve ser ratificada pelo governo, antes de entrar em exercicio. O governo presidirá o conselho de administração e fica encarregado das deliberações do conselho, assim como da direcção de todos os negocios do banco.

Art. 16º—Haverá, além disso, um conselho de desconto, composto de cinco membros effectivos e dois suplentes.

Art. 17º — Os administradores e o conselho de desconto serão eleitos pela assembléa geral dos accionistas. A duração de suas funcções e exonerações serão reguladas pelos estatutos do banco.

Art. 18º—O governo federal exercerá a sua fiscalisação por intermedio de dois commissarios, que fiscalisarão todas as operações do banco, relativas ás emissões das notas e ao serviço da thezouraria, previstos no art. 9º. Elles velarão pela stricta execução das disposições dos estatutos, sem, todavia, se immiscuirem na administração do banco. Poderão assistir ás assembléas dos accionistas, assim como ás reuniões do conselho de administração. Seus ordenados serão fixados pelo governo, de accôrdo com a administração do banco, e serão pagos por este.

Art. 19º—O banco publicará todos os mezes o seu balanço no *Diario Official* do governo da União. Esse balanço comprehenderá o capital social, o montante dos fundos em reserva, o das notas em circulação, o das contas correntes, o dos emprestimos sob caução, o do encaixe e da carteira.

Art. 20º—Os estatutos do banco se-

rão redigidos conforme a presente lei. Depois de aprovados pelo ministro da Fazenda, serão submettidos á sancção do poder executivo e não poderão ser modificados sinão por proposta da assembléa geral e com approvação do governo.

Art. 21º—A subscrição de 250.000 acções da primeira série é obrigatoria para a organização e funcção do banco. O governo deverá verificar si as entradas previstas são effectuadas em numerario ouro.

Art. 22º—A funcção do banco deverá começar no Rio de Janeiro, salvo caso de força maior, no prazo maximo de trez mezes, a datar do dia da notificação official do decreto sancionando a lei.

Art. 23º — Revogam-se as disposições em contrario.

EDMOND THÉRY.

(Conclusão).

A ARTE EM PETROPOLIS

A Arte veraneia tambem. E' preciso que ella não deixe em paz e a gosto a burguezia. Ella tambem sóbe a serra... não enfiada, mas bem precisada de dinheiro, que, de resto, é a sua melhor palheta. Tem côr local e temporal dizer que a Arte é, hoje, tanto no theatro como no barro, como na pintura, *mambembe* a mais não poder. Ha, talvez por isso, de vencer. Si não fôr aqui, ai della, será em Petropolis.

Todo o remanescente das exposições alastradas, sempre durante um mez, neste Rio tão máu, entenderen mudar de ar para mudar de sorte. Já foi um bom signal haver inauguração ; que coisas velhas tambem se inauguram. A gente elegante compareceu em grande cheia, a ver aspectos novos... E é nota excessivamente promettedora a presença do sr. presidente da Republica, que prodigalisou muitas animações á Arte. Os jornaes não contaram alguma phrase decisiva de s. ex. Mas, certamente, s. ex. não deixou de tel-a.

Uma vez, um dos nossos presidentes, inaugurando a exposição de um espolio na Escola Nacional de Bellas Artes, pensou, profundamente, deante duns *esboços* de Victor Meirelles, que a Arte podia ser feita sem *esboços*...

—Sim, que é isto ?

—São *esboços* — respondeu um alto funcionario da Escola.

—E isto é preciso para se fazer um quadro ?

—As nossas mães, sr. presidente, precisam de nove mezes para dar os nossos *esboços*. Isto, aqui, não é menos trabalhoso.

Agóra, nada disso houve. Todavia, a *Agencia Havas* esteve a postos.